

*A greve geral de 1917 em  
São Paulo e a imigração  
italiana: novas perspectivas*



## **A GREVE GERAL DE 1917 EM SÃO PAULO E A IMIGRAÇÃO ITALIANA: NOVAS PERSPECTIVAS**

### **RESUMO**

Considerado um dos momentos fundamentais de ampla mobilização operária no Brasil por meio da greve geral, o movimento grevista na cidade de São Paulo de meados de 1917 foi estudado, sobretudo, como fenômeno, em grande parte, espontâneo e ligado à atuação dos grupos anarquistas. Este artigo pretende apresentar novos elementos na análise deste movimento, enfatizando a complexidade organizativa e conjuntural da greve geral, ao também destacar a participação e a liderança de outros grupos e militantes políticos e sindicais (como os socialistas italianos), na organização do movimento operário paulistano antes e durante a greve geral. Pretende-se mostrar, principalmente, também a influência do conflito entre identidades de classe e nacionais entre os trabalhadores italianos na eclosão da greve de 1917 e o papel desenvolvido pelas diversas associações políticas e de socorro mútuo compostas por italianos, considerando o contexto local e internacional.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Migrações. Italianos. São Paulo: Greves. Socialismo.

Luigi Biondi<sup>1</sup>

## A GREVE GERAL DE 1917 EM SÃO PAULO E A IMIGRAÇÃO ITALIANA: NOVAS PERSPECTIVAS

UMA INTRODUÇÃO: ESPONTANEÍSMO, ORGANIZAÇÃO E ALGUNS ELEMENTOS COMPARATIVOS NO ESTUDO DA GREVE GERAL EM 1917

Quando cerca de 400 operários e operárias da seção têxtil do Cotonifício Crespi entraram em greve depois que a diretoria da fábrica tinha se recusado a conceder um aumento entre 15% e 20% do salário e a abolir a extensão da carga horária noturna, não pensavam, talvez, que estariam desencadeando o período de maior conflito da história do movimento operário em São Paulo até aquele momento.

Embora tais trabalhadores não pudessem imaginar que essa greve teria prolongados efeitos no âmbito de um amplo processo de organização proletária (como foi definido por Yara Aun Khoury há mais de vinte anos)<sup>2</sup>, eles estavam agindo dentro de um contexto no qual, como tentarei mostrar adiante, em muitos setores operários e artesãos politizados (incluindo alguns dos trabalhadores que estavam participando do protesto), esperava-se que esta greve, aparentemente episódica, se transformasse num movimento grevista e sindicalista bem mais vasto e bem-sucedido.

Sem excluir a importância dos fatores econômicos há tempos detectados e que deram às greves paulistanas de 1917 um forte caráter de levante espontâneo, nas páginas que se seguirão mostraremos que outros fatores, não ligados à reação contra a deterioração repentina nas condições de vida e de trabalho,

---

<sup>1</sup> Historiador formado na Universidade de Roma “La Sapienza” e doutor em História Social pela Unicamp, atualmente docente da área de História Contemporânea do Curso de História da Unifesp. Contato do autor: [luigi.biondi@unifesp.br](mailto:luigi.biondi@unifesp.br)

<sup>2</sup> KHOURY, Y. A. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez, 1981.

estavam por trás do surgimento e do desenrolar desse movimento, sobretudo na ótica do comportamento dos trabalhadores italianos envolvidos na greve, tenham sido eles militantes ativos de grupos políticos ou somente trabalhadores que participaram da greve.

Além disso, também aqueles historiadores que deram importância aos processos de organização imediatamente anteriores ao desenrolar da greve e destacaram sua função na formação das organizações sindicais paulistanas deixaram de lado o papel desenvolvido pelos socialistas italianos neste movimento. Veremos, pelo contrário, como, embora ofuscados por uma presença mais intensa dos anarquistas, também os socialistas italianos foram ativos e, sobretudo, fundamentais para que o movimento de reorganização das ligas sindicais tomasse rumos um pouco diferentes dos pregados pelos propagandistas de tendência anarquista.

Boa parte da historiografia do movimento operário brasileiro concordou sobre o fato de que a greve geral paulistana de 1917 representou um ponto de divisão entre um período de desorganização das associações sindicais e outro no qual tais associações amadureceram uma estrutura consistente, uma rede de grupos mais sólida que passou a desenvolver uma ação evidente também aos olhos da classe dirigente brasileira. Esta, até aquele período tinha encarado a questão social urbana em São Paulo como um fato de ordem pública referente à população imigrada que não tinha se inserido nos padrões da imigração subsidiada para o complexo cafeeiro<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> HALL, M. M. O Movimento Operário na Cidade de São Paulo, 1890-1954. In: Porta, P. (Org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 3, p. 272-279; BEIGUELMAN, P. *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1977; FAUSTO, B. *Trabalho urbano e conflito social*. (1890-1920). Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1978; HARDMAN, F. F.; LEONARDI, V. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo: Global, 1982; MARAM, S. L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; PAOLI, M. C. São Paulo working-class and its representations (1900-1940). *Latin American Perspectives*, Riverside, v. 14, n. 4, p. 204-225, 1987; ver também o debate entre Wolfe e French na revista *Hispanic American Historical Review*, v. 71, n. 4, nov. 1991: WOLFE, J. Anarchist Ideology, Worker Practice: the 1917 General Strike and the Formation of São Paulo's Working Class, p. 809-846; WOLFE, J., Response to John French; FRENCH, J. D. Practice and Ideology: a cautionary note on the historian's craft, p. 847-855.

Se parece ter ficado estabelecido que esse movimento representou a conclusão de um período e o início de outro, há todavia alguma discordância em torno de sua natureza. Foi um movimento espontâneo? Nasceu pela pressão da inflação daqueles anos de 1915-1917, limitando-se a uma simples explosão de raiva pelo não atendimento de seus pedidos, no fundo moderados; ou foi o ponto final (naquele instante) de um processo de reorganização do movimento operário paulistano ocorria já há algum tempo? Qual foi, se existiu, o papel dos grupos políticos que depois formaram o *Comitê de Defesa Proletária* que tomou a liderança da greve? Eles se limitaram à inserção no movimento, uma vez que este desencadeou uma série de greves, ou o impulsionaram desde o início?

O debate, conseqüentemente, ficou sempre em torno da verificação do grau de espontaneidade da greve de 1917, tentando com isso compreender também que relações foram estabelecidas entre uma massa de grevistas que chegou a cerca de 50.000 pessoas (numa cidade que contava com 400.000 habitantes) e os militantes que depois participaram como lideranças do movimento e que posteriormente sofreram processos de expulsão e as mais variadas formas de repressão.

Difícilmente poderemos negar a importância do papel desempenhado pela crise econômica que se alastrava na cidade de São Paulo naquele momento. Assim como a ausência de uma rede organizativa entre os empresários paulistanos (grandes e pequenos) deve ter determinado uma certa lentidão em atender aos pedidos de operários enfurecidos por uma inflação diária nunca vista até então e, portanto, uma inaptidão para compreender a necessidade de fornecer uma plataforma comum de contrapropostas viáveis para as comissões grevistas que se formavam.

Todavia, achamos que muitos outros fatores deveriam ser levados em conta para explicar um movimento que, em pouco tempo, atingiu dimensões tão amplas e que, de fato, obteve o reconhecimento de quase todos os seus pedidos, graças ao fato de apresentar, no espaço de algumas semanas, uma proposta de reivindicação acordada por todas as categorias. Igualmente, a formação de lideranças durante a greve de 1917, capazes de coordenar todo o movimento, é um fato indiscutível. Ainda hoje ele deve ser compreendido em todas as suas implicações, uma vez que lideranças sindicais (provenientes ou não do seio dos

setores operários), como as que coordenaram o movimento de junho e julho de 1917, não surgiram do nada, nem foram simplesmente “emprestadas” ao movimento, embora tenham sido impulsionadas pelo tamanho das forças operárias em campo.

As reflexões em torno da espontaneidade do movimento de 1917 tentaram compreender até que ponto o contexto paulistano daquele período podia permitir a formação de organizações estáveis do movimento operário e ocasionar o protagonismo de minorias anarquistas que depois apareceram como as mentoras de todo este movimento, fundou o discurso da preponderância anarquista no movimento operário paulista, como símbolo de sua fraqueza e, ao mesmo tempo, como sinal de seu fundamental espontaneísmo. Esta característica explicitava, enfim, a desorganização do movimento sindical paulista, a sua distância de uma expressão político-partidária (ao menos no plano local), a proveniência estrangeira da maioria dos trabalhadores em fábricas e oficinas e sua eventual liderança anarquista nos momentos de greve ou protesto (exatamente porque os anarquistas eram considerados supostamente contrários às organizações sindicais estáveis e internamente estruturadas e às greves parciais).<sup>4</sup>

Alguns trabalhos, todavia, já apontaram que, pouco antes de a greve se tornar geral, havia começado um trabalho de organização prévio da greve e, ao mesmo tempo, dos órgãos sindicais que depois acompanhou o restante das manifestações grevistas e formou novamente, após cinco anos de ausência, uma central (federação) sindical operária em São Paulo.

Boris Fausto, por exemplo, ao analisar o desenvolvimento da greve de 1917, embora não chegue a negar por completo o seu caráter espontâneo, destacou como a Liga Operária da Mooca e a Liga Operária do Belenzinho começaram um trabalho de coordenação da greve antes que esta se transformasse em greve geral e estiveram na base do processo de reorganização de todo o movimento sindical, ao menos a partir do início de junho de 1917.<sup>5</sup>

Mais recentemente, Christina Roquette Lopreato, ao contrário de parte da historiografia que a precedeu, foi mais adiante na determinação de mostrar o nível organizativo da greve

---

<sup>4</sup> Sobretudo MARAM, op. cit.

<sup>5</sup> FAUSTO, op. cit., p. 202-205.

geral de 1917, enfatizando e aprofundando o papel desenvolvido pelos anarquistas na organização da greve, em primeiro lugar pelos militantes próximos ao sindicalismo e que participavam do grupo do jornal *A Plebe*, de Edgard Leuenroth.<sup>6</sup> Na linha traçada pelo trabalho de Cristina Hebling Campos<sup>7</sup>, Christina Lopreato define a greve geral de 1917 como anarquista, após uma análise de seu desenvolvimento e de suas características e finalidades, tanto no que se refere à dinâmica da greve em si, como às organizações operárias que surgiram antes e no decorrer da greve. Ao criticar a idéia da simples inserção dos anarcossindicalistas no movimento grevista de 1917, ela propõe que o processo de autoconstituição dos grupos operários, dentro de um movimento de reivindicação impulsionado pela situação econômico-social do momento, surgiu como efeito de um imenso trabalho conjunto de propaganda e de ação das correntes anarcocomunistas e anarcossindicalista, que tornou possível a operacionalização política da ação direta.<sup>8</sup>

O discurso da espontaneidade das greves de 1917, todavia, remonta em grande parte às considerações que naquele momento e posteriormente foram expressas pelos próprios líderes participantes da greve, assim como por parte da grande imprensa (*O Combate*, *Fanfulla*, *O Estado de S.Paulo*), que conservou uma postura de simpatia e apoio aos grevistas.

Em 1966, por exemplo, foi o próprio anarquista Edgard Leuenroth, um dos principais organizadores da greve geral de 1917, que, numa carta ao *Estado de S.Paulo*, sublinhou que a greve “foi um movimento espontâneo do proletariado [...] uma manifestação explosiva consequente de um longo período de vida tormentosa que então levava a classe trabalhadora”.<sup>9</sup>

Todavia, seria necessário limitar um pouco a efetividade deste argumento, considerando que, como aconteceu com a atitude tomada pelo diário italiano de São Paulo *Fanfulla*, o apelo à

---

<sup>6</sup> LOPREATO, C. S. R. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

<sup>7</sup> CAMPOS, C. H. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes, 1988.

<sup>8</sup> LOPREATO, op. cit., p. 18.

<sup>9</sup> Apud HALL, M.; PINHEIRO, P. S. *A classe operária no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, v. 1, p. 227.

espontaneidade do movimento por causa de uma situação econômica de fato insuportável fazia parte de uma estratégia que visava enfraquecer os empresários que gozavam do apoio quase incondicional do aparelho repressivo das várias delegacias policiais de bairro. O apelo a motivações unicamente econômicas e não político-sindicais era a arma usada também pelos grevistas frente à repressão policial, que estava decidida a impedir o movimento, reprimindo-o não somente nas praças, mas atacando diretamente aqueles que eram considerados seus líderes.

De forma geral, o ano de 1917 foi caracterizado mundialmente por toda uma série de protestos, motins e greves sem precedentes, cujo evento maior foi — como todos sabemos — a revolução russa, momento ligado exatamente a processos de organização sindical e política, no qual misturavam-se fenômenos de autoconstituição e de intervenção política e organizativa externa nas organizações operárias, mas que surgiam de um estado de revolta aberta que ia além da luta contratual entre empresários e trabalhadores usualmente praticada.

Todos estes movimentos, que desembocaram em revoltas urbanas, estavam diretamente ligados a uma conjuntura econômica causada pelo prolongamento da I Guerra Mundial. Inflação, perda do poder de compra, miséria acentuada pela escassez de abastecimentos, foram aspectos experimentados não somente pelas classes trabalhadoras que deram vida aos soviets de Petrogrado, nem, portanto, apenas pela população operária paulistana, mas caracterizaram o ano de 1917 em muitos países direta ou indiretamente envolvidos na guerra.<sup>10</sup>

Sem aprofundar mais o argumento, talvez seja oportuna uma comparação com um movimento grevista que tem muitas semelhanças com o de São Paulo, e que aconteceu um mês depois, em agosto de 1917, na cidade italiana de Turim. Também nesta cidade italiana<sup>11</sup>, na qual o movimento operário não poderia com

---

<sup>10</sup> Ver, entre outros, HAIMSON, L. H. e Sapeli, G. (Orgs.). *Strikes, Social Conflict and the First World War. Annali Fondazione Feltrinelli*. 1990-91. Milano: Feltrinelli, 1991; HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 66-71; PROCACCI, G. *Dalla rassegnazione alla rivolta. Mentalità e comportamenti popolari nella grande guerra*. Roma: Bulzoni, 1999.

<sup>11</sup> Turim é sede da FIAT junto com Milão, era a cidade industrial que mais fornecia meios de transporte, armamentos e roupas para o exército italiano.



certeza ser chamado de desorganizado, e que durante a guerra atravessou um período de intensa produção (como o caso de São Paulo), as greves e protestos de agosto de 1917 tiveram características deste tipo: grande mobilização das mulheres ou famílias operárias, greves por melhores condições de trabalho e aumento salarial, assaltos a moinhos e padarias, embate violento com a polícia e depois com o Exército. Também no caso de Turim, é evidente o poder de pressão exercido pela deterioração das condições de vida e trabalho (alto custo dos bens associado a um aumento extremo da carga horária) para que a greve explodisse fora dos padrões de reivindicação salarial típicos dos anos anteriores e se transformasse rapidamente em revolta espontânea e violenta.

Foi uma revolta cuja imediatez e intensidade surpreendeu os próprios sindicalistas socialistas que dirigiam a *Camera del Lavoro* (a federação operária local, uma das mais antigas da Itália, por sinal). Tratavam-se, todavia, de operárias e operários acostumados com greves sindicais nas quais o carisma na mediação e a liderança de seus representantes sindicais da *Camera* era notável e dificilmente discutível. Todavia, naquele agosto de 1917, a força da carestia de vida era tão profunda que nem a militarização do trabalho instituída na Itália durante a guerra, nem as iniciativas dos principais organizadores sindicais ou políticos do Partido Socialista (entre os quais, vale a pena lembrar, estava o jovem Antonio Gramsci) podiam diminuir os aspectos espontâneos daquela greve, assim como seu caráter insurrecional. Mas também não devemos pensar que o movimento tenha se desenvolvido sem levar em consideração a propaganda efetiva realizada pelos organizadores sindicais contra a situação criada pela guerra ou sem levar em conta o papel organizativo que estes mesmo dirigentes desenvolveram durante o motim.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> SPRIANO, P. *Storia di Torino operaia e socialista*. Torino: Einaudi, 1972; CARCANO, G. *Cronaca di una rivolta: i fatti torinesi del 1917*. Torino: Stampatori Nuovasocietà, 1917. Hobsbawm também nos lembra como a Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia começou quando uma demonstração de operárias coincidiu com a decisão de fechar temporariamente as principais unidades das fábricas metalúrgicas Putilov (onde também trabalhavam muitas mulheres por causa do envio à guerra de uma parte dos operários), acabando por produzir uma greve geral com a invasão do centro da capital Petrogrado (atual São Petersburgo), com a

As semelhanças entre as dinâmicas das revoltas de São Paulo, Turim e Petrogrado são muitas e fundamentais. Também em São Paulo, a greve iniciou-se num grande estabelecimento fabril e a resposta empresarial foi fechar a fábrica. Rapidamente, ocorreu a transformação desta greve localizada em greve geral; pedidos de aumento salarial e diminuição de horas foram associados a pedidos mais urgentes de controle dos preços e distribuição igualitária dos bens alimentares; e, finalmente, a greve progressivamente assumiu feições de revolta generalizada com a invasão das áreas centrais da cidade, num período de “confinamento” dos trabalhadores nos bairros operários.

O espontaneísmo das greves e revoltas urbanas de 1917 foi uma constante, independentemente de os operários terem uma experiência organizativa profunda ou fraca, uma vez que a situação econômica era alarmante. Ao mesmo tempo, este espontaneísmo, ou melhor, a presença da principal causa da greve, representada por condições econômicas cada vez piores, não era incompatível com a presença ativa no movimento de organizadores operários, antes, durante e depois da greve. Neste caso, uma consideração da *Camera del Lavoro* de Turim em 1917 mostrava como, embora destacando a diminuição do número de filiados na federação sindical local<sup>13</sup>, em todas as agitações os operários em greve pediam a intervenção e assistência da *Camera*, mesmo quando as greves não foram iniciadas sob a sua direção.<sup>14</sup>

Como no caso paulistano de junho-julho de 1917, também na Turim de 1917, ainda que o movimento grevista tivesse um alto grau de espontaneísmo, a intervenção de organizadores sindicais foi imprescindível, assim como se nota que estes não surgiram do nada, mas eram os organizadores presentes nos estabelecimentos fabris ou que frequentavam o mundo operário; em suma, eram conhecidos. Igualmente, como veremos, os

---

finalidade de pedir pão e farinha. Quatro dias de revolta espontânea e sem direção política puseram fim a um império, foi a sintética consideração do historiador inglês. HOBBSAWM, E. op. cit., p. 67.

<sup>13</sup> Cerca de 10.000 sócios, na segunda cidade industrial italiana depois de Milão.

<sup>14</sup> BALLONE, A.; DELLAVALLE, C.; GRANDINETTI, M. *Il tempo della lotta e dell'organizzazione: linee di storia della Camera del Lavoro di Torino*. Milano: Feltrinelli; CGIL, 1992, p. 64.

organizadores que constituíram o Comitê de Defesa Proletária eram familiares à população operária paulistana.

Os movimentos de protesto social de 1917, aos quais se juntaram greves reivindicativas e revoltas abertas, que se verificaram em muitas cidades européias e americanas, foram caracterizados por impulsos tanto espontâneos como organizados, que coexistiam e constituíram o pano de fundo destas agitações, sendo que o contexto econômico exasperava aquelas que teriam sido em outros momentos somente greves parciais. Em alguns casos, foram reconstruídos laços mais sólidos entre os trabalhadores e seus representantes nas organizações sindicais (como foi na de Turim), enquanto em outros foi retomado um caminho organizativo que tinha se interrompido há algum tempo (como ocorreu em São Paulo).

**IDENTIDADES EM FORMAÇÃO E EM CONFLITO:  
MILITANTES E TRABALHADORES ITALIANOS NA  
GREVE GERAL**

Temos de destacar que os trabalhos que analisaram este movimento, talvez porque era óbvia a presença majoritária de trabalhadores estrangeiros no seu seio, não consideraram as dinâmicas relativas ao fato de esta comunidade ser composta, em grande parte, por italianos. É suficiente pensar, por exemplo, que as greves começaram exatamente numa fábrica, a *Crespi*, cujo dono era italiano e que empregava 947 italianos, num total de 1.305 operários.<sup>15</sup>

Quando foi refundada a Federação Operária de São Paulo (FOSP), em agosto de 1917, ao lado dos sindicatos de bairro, que em maior grau explicitavam um novo momento organizativo de superação das diferenças étnicas, supranacional e brasileiro, uma boa parte das ligas, sobretudo as de ofício, continuou usando oficialmente seu nome em italiano, algumas sendo chamadas na prática somente por este nome ou exibindo-o, como nos processos de formação sindical ocorridos no início do século,

---

<sup>15</sup> Condições de trabalho na indústria têxtil no Estado de São Paulo. *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. São Paulo, 1912.

signo da presença de uma identidade de classe em muitos casos ainda com forte definição étnica no alvorecer da segunda década do século XX.<sup>16</sup>

A presença de um proletariado de origem italiana deve ter refletido no movimento as tensões que caracterizaram internamente a comunidade ítalo-paulistana, uma vez que a I Guerra Mundial, na qual a Itália estava participando há mais de dois anos, tinha reflexos imediatos em todas as comunidades de italianos no exterior.

O Estado de São Paulo, naquele momento, concentrava mais de 1.500 famílias italianas que tinham pelo menos um de seus componentes no *front* no norte da Itália. Mas, o que é mais importante para o nosso estudo, a solidariedade para com estas famílias baseava-se na rede tecida pelo *Comitato Italiano Pro-Patria* de São Paulo (composto na sua maioria pelos setores da classe média e empresarial da comunidade italiana), cujas listas de subscrição eram difundidas pelos contramestres nas fábricas entre os operários.<sup>17</sup> A contribuição *pro-patria* foi, com certeza, uma dos elementos de atrito que desencadearam a greve, visto que afetava mensalmente o salário real cada vez menor destes trabalhadores. Sobre o caráter voluntário desta contribuição as dúvidas desaparecem quando verificamos que uma das reivindicações dos operários italianos para voltar ao trabalho depois da greve era o não-pagamento das subscrições em favor do *Comitato Pro-Patria*.<sup>18</sup>

Se, por um lado, a relação contrastada destes operários italianos com as associações patrícias que apoiavam a guerra representava um fator de desentendimento e, portanto, de

---

<sup>16</sup> Por exemplo: Liga dos Trabalhadores em Cerâmica (Lega Ceramisti), Liga dos Trabalhadores em Madeira (Lega dei Lavoranti in Legno), Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros (Sindacato dei Fabbri-Ferrai), Sindicato Gráfico do Brasil (Sindacato Grafico del Brasile); Sociedade dos Alfaiates (Società dei Sarti), União dos Sapateiros (Unione Calzolari), União dos Chapeleiros (Unione dei Cappellai); União dos Canteiros (Unione degli Scalpellini), União dos Padeiros (Unione dei Fornai); Sociedade Metalúrgicos de São Caetano (Società Laminatori di S. Caetano).

<sup>17</sup> O *Fanfulla* dos anos de 1915 a 1918 publicava quase diariamente as listas de subscrição do *Comitato Italiano Pro-Patria*, nas quais é possível verificar onde a lista era levantada e quem a controlava.

<sup>18</sup> Já no acordo sobre a greve na fábrica Labor aparece o atendimento deste pedido. Ver: Agitazioni Operaie. *Fanfulla*, São Paulo, 24 jun. 1917.

desunião, com setores de artesãos ou comerciantes que poderiam ter sido simpáticos à causa da greve, por outro era um fator agregador nas reivindicações propostas durante a greve, funcionando como um núcleo de auto-reconhecimento dentro dos setores operários paulistanos.

Além disso, não podemos esquecer o papel desenvolvido pelo jornal *Fanfulla*, que se apresentava como porta-voz de toda a comunidade ítalo-paulistana durante a greve geral: envolvendo os protestos de julho 1917 milhares de italianos, o *Fanfulla* foi, desde o início da greve, mas também antes, um ponto de referência para a difusão das atividades organizativas e de protesto que os trabalhadores iam desenvolvendo. A sua ação foi tão central (conjuntamente com *O Combate* de Nereu Rangel Pestana), que uma análise deste jornal é imprescindível para acompanhar, sobretudo do ponto de vista dos trabalhadores italianos envolvidos na greve, os eventos de julho de 1917.<sup>19</sup>

A dinâmica demográfica relativa aos trabalhadores italianos, também, não foi muito explorada. De fato, acredito que não podemos enfrentar todas as questões envolvidas na greve de 1917 sem pensar que a especificidade desta greve, que a torna um marco em relação aos movimentos anteriores, está profundamente relacionada à estabilidade dos fluxos migratórios internos e externos ao estado de São Paulo, dos quais os italianos eram os protagonistas.

De fato, mais do que sobre a frustração para com os desejos e as possibilidades de ascensão social não realizados de muitos trabalhadores italianos imigrados em São Paulo, a atenção tem de ser posta sobre dois aspectos associados entre si: 1) a inserção definitiva na economia do trabalho urbano industrial ou artesão como a forma de renda mais importante de muitas famílias

---

<sup>19</sup> Os artigos do *Fanfulla* de apoio às reivindicações dos operários apareciam diariamente já desde os anúncios de greve no *Lanificio De Camillis* no final de maio de 1917. Em agosto, após dois meses de campanha em prol dos operários, assim defendia sua posição: “este jornal se preocupa em discutir todas as questões que podem interessar o milhão e meio de italianos que vivem neste Estado, que contribuem com seu trabalho, suas atividades, seu intelecto, que pagam os impostos, e que são condenados a sofrer as conseqüências das negligências das autoridades”. [tradução do autor do original em italiano] Pane... anarchico. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 4 ago. 1917.

imigradas; 2) a fixação no território urbano causada por esta inserção e pela impossibilidade de voltar à Itália devido à guerra e à crise econômica que a precedeu.

Ambos fatores são um reflexo de uma renovada estabilidade dos fluxos migratórios, inclusive dos internos, que caracterizou o período 1916-1917. A tendência à urbanização de muitos colonos italianos egressos das fazendas de café aumentou consideravelmente nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, quando centenas destas famílias do interior transferiram-se para São Paulo para trabalhar como carpinteiros, operários industriais ou pedreiros, ocupando, sobretudo, qualificações secundárias com baixos salários.<sup>20</sup> Quando começou o período de desemprego, em meados de 1913, os primeiros a serem demitidos foram exatamente esses trabalhadores. Entre 1913 e 1916, o Departamento Estadual do Trabalho, por meio de sua agência oficial na Hospedaria, enviou gratuitamente de São Paulo para o interior para trabalhos agrícolas mais de 40.000 pessoas sem ocupação, anteriormente vindas do interior para a cidade nos anos entre 1910 e 1912.<sup>21</sup>

Interrompido o êxodo do campo para a cidade de São Paulo e revertido o processo anterior de urbanização, diminuídas consideravelmente as entradas da Itália e as saídas de italianos para a sua terra por causa da guerra<sup>22</sup>, o panorama relativo aos italianos imigrados na cidade apresentava-se bastante estável no ano de 1917, quando os níveis de produção recuperaram os anteriores a 1913. Vale a pena lembrar, inclusive, que a maior parte da comunidade de italianos na cidade de São Paulo continuou a formar-se — seja por migração interna, seja por imigração externa —, também ao longo do período 1902-1912, usualmente considerado como o período de refluxo da imigração italiana no Brasil. Os imigrantes camponeses do norte da Itália quase não se dirigiam mais ao Brasil, a partir de 1902, quando foi proibida a passagem subsidiada para este país, mas os italianos

---

<sup>20</sup> L'azione dell'ufficio statale del lavoro. *La Rivista Coloniale*, n. 2, p. 15, 28 fev. 1917.

<sup>21</sup> Id.

<sup>22</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 57-65. Ver também *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, São Paulo, nos números de 20 a 26, de 1916, 1917 e 1918.

do sul continuaram a emigrar para São Paulo à procura de ocupações urbanas. Aliás, a consolidação do elemento *meridionale* da comunidade ítalo-paulistana se intensificou no período seguinte ao ano de 1902. Porém, a partir de 1913-1914, também este fluxo terminou definitivamente.<sup>23</sup>

Essa estabilidade temporária das famílias foi observada, exatamente em função dos acontecimentos de 1917, pelo anarquista italiano Gigi Damiani, o qual afirmou que a intensidade do movimento de organização entre os anos de 1917 e 1919 em São Paulo deveu-se ao fato de as famílias terem começado a construir uma vida em São Paulo sem pensar em voltar mais para a Itália. Segundo Damiani, isso teria proporcionado um investimento maior na construção de organismos de defesa de suas condições de vida e de trabalho no Brasil: não se sentiam mais como trabalhadores estrangeiros, mas como brasileiros.<sup>24</sup>

Seja como for, a estabilidade dessa massa imigrante, que constituía o núcleo maior dos trabalhadores de fábrica e oficinas em São Paulo, é um fator que teve sua importância na determinação da greve geral como um momento inicial e não como uma explosão isolada devida à crise econômica: um momento em que foram postas as bases da construção de organizações sindicais mais estáveis no âmbito paulistano. De fato, a formação das ligas operárias por bairro reflete essa estabilidade, uma vez que a paralisação (ou diminuição) dos fluxos migratórios internos e externos em São Paulo só podia favorecer uma sociabilidade mais intensa e estável nos bairros operários que cercavam o centro da cidade.

A origem da estrutura da Federação Operária de São Paulo (FOSP), criada em agosto de 1917, após os eventos da greve geral e o trabalho de organização que os acompanhou, deve ser procurada também na ação desenvolvida pelos grupos anarquistas e socialistas (estes últimos formados quase exclusivamente por italianos).

À procura de retomar os fios perdidos da organização sindical desde as tentativas de aliança em 1914-1915 para formar um amplo bloco revolucionário (como atuação paulista da

---

<sup>23</sup> TRENTO, Id.

<sup>24</sup> DAMIANI, L. *I paesi nei quali non si deve emigrare. La questione sociale nel Brasile*. Milano: Edizioni di Umanità Nova, 1920.



estratégia experimentada por grupos similares na Itália após os fatos de Ancona<sup>25</sup> com o *blocco rosso*), os anarquistas e socialistas de São Paulo tentavam há tempos encontrar os modos apropriados para inserirem sua ação dentro de um contexto no qual os descontentamentos entre os trabalhadores eram cada vez mais evidentes. O período de intenso desemprego (1913-1914) havia se encerrado, deixando em seu lugar, graças a uma fase de substituição forçada de parte das importações e até de exportação de bens produzidos em São Paulo, um período de alta de preços e, ao mesmo tempo, de intensificação da carga horária de trabalho nas fábricas.<sup>26</sup>

As ações dos grupos socialistas e anarquistas frente a esta situação e com o objetivo de reconstruir o mundo organizativo sindical paulistano foram diferenciadas.

---

<sup>25</sup> Na Itália central, pouco antes da eclosão da I Guerra Mundial, em junho de 1914, a cidade portuária de Ancona foi tomada por uma insurreição popular que logo foi chamada de “semana vermelha”, durante a qual, a partir de uma revolta antimilitarista em vista da tensão internacional do momento, eclodiu uma greve geral em que participaram os sindicatos (independentemente de sua tendência), diversos marinheiros e soldados, e todos os grupos políticos italianos de esquerda – republicanos, socialistas e anarquistas -, que formaram, na ocasião, uma aliança chamada *Blocco Rosso* [Bloco Vermelho]. Terminou, em parte, pela repressão da polícia militar italiana (*carabinieri*), em parte por desistência da CGdL, central sindical que congregava uma parte consistente dos sindicatos de categoria e de ofício nacionais. Sobre os fatos de Ancona e suas repercussões em São Paulo, ver o capítulo 2 de BIONDI, L. *La stampa anarchica italiana in Brasile* (1904-1915). Tesi di Laurea in Storia Contemporanea (Laurea in Lettere) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Roma “La Sapienza”, Roma, 1995, p. 164-192.

<sup>26</sup> DEAN, W. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1971. Segundo Dean, mais que um aumento de produção em relação ao período anterior a 1913, houve uma retomada dos níveis produtivos de 1909-1912 graças à utilização intensíssima do parque de máquinas até aquele momento disponível. Por causa da guerra, a importação de maquinários era mínima e, portanto, os operários, para enfrentar o aumento de produção exigido naqueles anos, e não podendo as fábricas aumentar seu número de máquinas, foram obrigados a trabalhar muito mais intensamente em turnos que se sucediam ao longo de um dia inteiro. A situação era bem diferente da dos anos 1913-1914, quando a maioria dos estabelecimentos fechava por dois ou três dias durante a semana.



Os socialistas, exatamente pelo fato de serem um grupo quase que exclusivamente italiano, dedicaram-se com mais intensidade à campanha chamada *Il patriottismo di lor signori* [O patriotismo de vossas senhorias] e, mais tarde, em fevereiro-março de 1917, *La cuccagna patriottica di lor signori* [A cocanha de vossas senhorias].<sup>27</sup> Esta campanha, baseada em uma coleta de dados recolhida por operários especializados que trabalhavam em algumas fábricas, por funcionários da administração complacentes e também pela análise dos balancetes publicados nos boletins da *Camera Italiana di Commercio di San Paolo*, tentava mostrar o nível de enriquecimento alcançado pelos empresários italianos de São Paulo graças à guerra.

Mais especificamente, esta atividade era direcionada a por em choque, dentro da comunidade italiana, os grupos que na guerra tinham um interesse evidente (econômico ou de prestígio dentro da própria comunidade) com os que a apoiavam como reflexo de suas fidelidades nacionais: em suma, a contrastar o nacionalismo mais politicamente estruturado de alguns com o patriotismo popular. Todavia, essa campanha visava, sobretudo, colocar em crise, dentro das fábricas, o sistema de coleta das listas de subscrição que vinha há algum tempo sendo feita pelo *Comitato Italiano Pro-Patria* por meio de seus subcomitês de bairro.

O objetivo dos socialistas italianos era, portanto, mostrar aos operários como, enquanto seus empresários ganhavam com a bandeira da italianidade e o apoio à guerra um retorno econômico notável, eles, que também eram obrigados a contribuir para o *Comitato Pro-Patria*, tinham uma diminuição ainda maior

---

<sup>27</sup> Os socialistas italianos em São Paulo se organizavam em torno do Centro Socialista Internazionale (às vezes Centro Socialista Internacional), no qual o título internacional era mais uma referência nominal — referente ao internacionalismo da II Internacional — do que real, pois a composição nacional dos seus membros era quase exclusivamente italiana. Os socialistas alemães de São Paulo, ligados ao SPD, tinham um grupo próprio. O Centro era responsável também pelas publicações do jornal socialista de língua italiana de São Paulo, *Avanti!*, fundado em 1900, que na época da greve geral era semanário. Havia grupos socialistas de bairro ligados ao Centro e ao *Avanti!*, na Lapa, Água Branca e Brás. Do Centro não faziam parte os socialistas italianos moderados — muito escassos, para dizer a verdade —, que se reuniam em torno da figura de Antonio Piccarolo.

de seus salários, que dia-a-dia eram consumidos por uma inflação nunca vista.<sup>28</sup>

A coleta de dados acerca do enriquecimento dos empresários italianos funcionava com certo sucesso, uma vez que mostrava dados desconhecidos ao grande público.<sup>29</sup> Em março de 1917, os socialistas italianos já podiam mostrar dados relativos a algumas das maiores empresas de italianos em São Paulo, no período 1914-1916. Por exemplo, enfatizava-se como a Companhia Puglisi (proprietária do Moinho Santista, da União dos Refinadores e da Manufatura de Chapéus) tinha duplicado seus lucros em 1915 em relação ao ano anterior.<sup>30</sup> Igualmente o Cotonifício Crespi da Mooca, que em 1914 teve um lucro de 196 contos de réis, e no ano de 1915 lucrou 349 contos.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> Em São Paulo, considerando 100 o índice dos preços em 1914, este subiu para 108,5 em 1915 e para 128,3 em 1917. DEAN, op. cit., p. 101. No entanto, o índice dos salários (sempre considerando 100 o relativo a 1914) permanecia 100 em 1915 e passava somente a 107, em 1917. PINHEIRO, P. S. O proletariado industrial na Primeira República. In: FAUSTO, B. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1978, t. III, v. 2, p. 147. Mais que os índices, talvez sejam as palavras do *Fanfulla* que esclareçam a situação: o jornal calculava que boa parte dos alimentos havia aumentado em até 200-300% em 1916. Ver: Il malcontento delle classi operaie va aumentando. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 8 jul. 1917. Em junho de 1917, notava que o salário médio diário de um tecelão adquiria metade do que comprava alguns meses antes. Ver: La grave agitazione operaia al cotonificio Crespi. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 27 jun. 1917. Ainda no *Fanfulla* destacava-se que, durante a greve de julho de 1917, enquanto os operários ficavam sem receber, o saco de farinha passava dos 30\$000 aos 40\$000. Ver: Il Comitato di Difesa Proletaria all'opera. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 1º ago. 1917.

<sup>29</sup> Il patriottismo di lor signori. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 139 a 143, 10 mar. 1917 a 21 abr. 1917.

<sup>30</sup> No conselho dos acionistas (oito pessoas), da Manufatura de Chapéus, Nicola Puglisi teria afirmado que o estado de guerra salvou a firma da falência, e, de fato, se em 1914 o balancete desta empresa apresentava perdas, já durante os primeiros meses de 1916 havia um lucro de 117 contos. Ver: La cuccagna patriottica di lor signori. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 139, 10 mar. 1917.

<sup>31</sup> Id. No mesmo artigo são apontados os casos da Fábrica de Chapéus de Serricchio e Pepe, da Companhia Fabril Pinotti — Gamba, da fábrica de perfumes de Vincenzo Comodo, da Indústria de Papéis e Cartonagem, dirigida por Nicolino Matarazzo (que participou das repressões de 1898-1904 aos grupos socialistas e anarquistas italianos), da Companhia Mechânica e Importadora de Alessandro Siciliano.

Os socialistas italianos souberam reconhecer que a arrecadação do *Comitato Italiano Pro-Patria* era um fator de elevação da tensão interna nas fábricas paulistas, que estava chegando a um momento de definição. O valor explosivo desta questão tornou-se evidente quando as primeiras greves parciais em maio e junho, meses após a campanha socialista contra o nacionalismo italiano dos empresários ítalo-paulistas, eclodiram com a palavra de ordem da abolição das contribuições à guerra. Também a redação de *Guerra Sociale*, o periódico anarquista de língua italiana, punha em evidência como as simpatias patrióticas de muitos trabalhadores italianos do final de 1916 tinham se revertido após a compreensão de que, frente ao seu empobrecimento, a guerra só tinha trazido melhorias para os donos (e seus patrícios) das fábricas nas quais trabalhavam. O jornal notava também como o despertar do movimento operário se iniciava com o pedido de abolição da taxa para o *Pro-Patria* dentro das fábricas.<sup>32</sup>

De fato, havia sinais inegáveis do desinteresse dos empresários italianos para com seus próprios empregados patrícios, como a participação na Itália de Francesco Matarazzo na organização do *Ente Autonomo dei Consumi di Napoli e Provincia* no final de maio de 1917. Naquela ocasião, enquanto a população de origem napolitana de São Paulo (em boa parte concentrada na Mooca)<sup>33</sup> sofria os efeitos do aumento dos preços diariamente, Matarazzo figurou entre os maiores financiadores, através do *Banco di Napoli*, para a criação do fundo desta nova instituição que devia se ocupar de comprar alimentos para a população napolitana afetada pela guerra. Em troca, Matarazzo conseguiu armar uma operação financeira de cerca de 6 milhões de liras da época para renovar suas indústrias, e mais a sua candidatura para ser o próximo conde italiano na América do Sul (o outro de origem burguesa, e único, era o

---

<sup>32</sup> L'ora dei lavoratori. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 47, 12 mai. 1917.

<sup>33</sup> Ver, por exemplo, a abundância de sobrenomes da região italiana da Campânia (como Capuano, Salerno, Santoro) entre os operários têxteis e os operários do setor de calçados que povoavam a Mooca, tanto nas listas de subscrição para o *Comitato Italiano Pro-Patria (Fanfulla)*, São Paulo, edições de maio-junho de 1917), como nas listas mais antigas, em 1901, de constituição do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos em *Avanti!*, n. 41, 27 jul. 1901 e n. 42, 3 ago. 1901.

italo-portenho Devoto), nomeação que chegou pontualmente no início de julho daquele ano de 1917.<sup>34</sup>

A pressão sobre os operários das indústrias Matarazzo por causa da guerra tornava-se evidente também de outras formas, que, como no caso das subscrições dentro do estabelecimento, mostravam como agia o poder interno dos contramestres ou de alguns gerentes.

Em abril de 1917, por exemplo, tentando desfrutar da tensão acumulada por causa da crise econômica, Matarazzo concedeu um dia de folga aos operários para que estes participassem de uma manifestação de apoio à guerra: protesto durante o qual, de fato, a sede do *Diario Allemão* foi assaltada por uma multidão composta em boa parte por trabalhadores italianos.<sup>35</sup> Era manifesta a intenção de reverter contra algumas entidades alemãs um descontentamento difuso entre os operários, uma vez que nos meses anteriores a prática de conceder folgas, sob a condição de participar de manifestações de apoio à Itália em guerra ou em prol da entrada do Brasil na guerra não era comum; ainda mais suspeita fica a sua espontaneidade se pensamos que a manifestação de abril de 1917 aconteceu num período em que as fábricas paulistanas funcionavam *a todo vapor*, fato aliás que aumentava a tensão dentro dos estabelecimentos por causa do enorme crescimento da jornada de trabalho.<sup>36</sup>

Antes de prosseguir na análise da atividade dos socialistas italianos contra o setor empresarial italiano da cidade de São Paulo, seria necessário aqui abrir um parêntese sobre o funcionamento do *Comitato Italiano Pro-Patria* dentro das fábricas.

Por meio de um estudo do *Fanfulla*, diário de língua italiana que certamente não mantinha posições políticas socialistas, foi possível determinar com mais detalhes a atividade capilarmente desenvolvida por esse comitê nas fábricas, mostrando como as denúncias dos socialistas italianos não eram uma invenção propagandista, mas uma demonstração de como estavam

---

<sup>34</sup> Una patriottica offerta del conte Matarazzo. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 8 jul. 1917; Il re d'Italia ha conferito il titolo di conte al Comm. Francesco Matarazzo. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 3 jul. 1917.

<sup>35</sup> Dopo le manifestazioni guerraiole di S. Paolo. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 142, 21 abr. 1917.

<sup>36</sup> Id.

estruturadas internamente nas fábricas as relações de poder, sobretudo no que se referia à relação entre mestres, contramestres e operários, relacionamento que naquele período passava também pela postura e pelo grau de adesão aos ditames nacionalistas.

O *Comitato Italiano Pro-Patria* era, desde maio de 1915 (entrada da Itália na Guerra), estruturado por subcomitês de bairro. Uma análise das diretorias destes subcomitês e da participação de famílias em suas festas de contribuição mostra como a maioria de seus integrantes era composta por pessoas ligadas aos empresários ítalo-paulistanos, normalmente tratando-se dos gerentes dos estabelecimentos fabris, em alguns casos com a participação direta de alguns empresários, como Nicola Serricchio ou Gaetano Pepe. Quando apareciam nestas listas nomes de empresários paulistanos tratava-se, todavia, quase sempre de empresários que possuíam fábricas de médias dimensões: os grandes como Matarazzo e Crespi, Puglisi e Siciliano mandavam com mais frequência seus gerentes, entre os quais destacamos, por exemplo, a grande atividade de Ermelino Matarazzo, gerente de algumas fábricas da família, ou a atividade de Francesco De Vivo, presidente do *Sottocomitato Pro-Patria* da Consolação, cuja ocupação era a de gerente da maioria das indústrias Matarazzo e de administrador do Hospital Umberto I. Em geral, as comissões diretivas dos *sottocomitati* de bairro incluíam também toda uma série de profissionais liberais (sobretudo médicos, contadores, gerentes de seções de fábricas, engenheiros ou técnicos).<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Quase todos os números do *Fanfulla* apresentam, no período 1915-1918, listas de subscrições e relatos das atividades desenvolvidas pelo *Comitato Italiano Pro-Patria* central e pelos de bairro. De qualquer forma, mostramos aqui a diretoria do sub-comitê *Pro-Patria* da Consolação, o mais ativo da cidade, em agosto de 1917, no qual resulta evidente que seus membros eram todos expressão da classe-média ítalo-paulistana: Francesco De Vivo (presidente), Giuseppe Perrone (vice-presidente) Luigi Perroni (tesoureiro) Raffaele Perrone e Giulio Romeo (secretários), Francesco Mastrangioli, Giuseppe Perroni, Biagio Alario, Ernesto Giuliano, Francesco Perroni, Raffaele La Torre, Nicola Rea, Giuseppe Romeo, Vincenzo Rosati, Nicolino Pepi, dott. Vittorino Carmine Romano, dott. Valentino Sola, Luigi Minervini, Matteo Bei Favilla Lombardi, Antonio Di Franco, Aleardo Borin, Alfonso La Regina, Giuseppe Sacchetti. Ver: Il sottocomitato della Consolazione all'opera, *Fanfulla*, São Paulo, 6 ago. 1917, p. 4. A maioria destes estava presente de vários modos também nas associações italianas, expressão dos

Comparando algumas listas de subscrição com os nomes de operários ou operárias, estes mesmo nomes não aparecem entre os organizadores ou participantes ativos das atividades paralelas organizadas pelos *Comitati Italiani Pro-Patria* de bairro.

Uma seção importante do *Comitato* central era representada pelo *Comitato Italiano Pro-Patria* feminino, que se ocupava da arrecadação do dinheiro para a Cruz Vermelha Italiana e da organização de quermesses e campanhas específicas de coleta de dinheiro em prol do *Comitato* central. As moças de boa família da comunidade ítalo-paulistana dominavam a organização deste comitê, cuja presidente era a senhora Puglisi, auxiliada pela filha do ex-cônsul geral de São Paulo, Adele Dall'Aste Brandolini.<sup>38</sup>

O *Comitato Italiano Pro-Patria* de São Paulo coletava o dinheiro mensalmente e enviava-o ou para a Cruz Vermelha Italiana ou para o *Comitato* geral em Roma, mas uma boa parte do dinheiro era utilizada para comprar alimentos e roupas para as 1.500 famílias ítalo-paulistanas que tinham parentes prestando o serviço militar na guerra.

Cada *Comitato* de bairro difundia as listas para que seus componentes arrecadassem dinheiro em prol do comitê entre seus amigos nos locais de trabalho. Sendo muitos dos integrantes do *Comitato* gerentes ou contramestres em fábricas, difundiam mensalmente as listas entre os operários na cadeia de montagem ou nos armazéns.

O sub-comitê *Pro-Patria* do Belenzinho e Penha, por exemplo, coletou no Cotonifício Crespi, no mês de junho de 1917, mais de 820 mil-réis entre os operários da fábrica e 866 mil-réis entre funcionários, mestres e assistentes.<sup>39</sup> Ainda em junho, na Calçados

---

setores empresariais imigrados de São Paulo, como o Clube Espéria, o Hospital Umberto I, a diretoria da *Camera Italiana di Commercio ed Arti*.

<sup>38</sup> A condessa Adele Dall'Aste Brandolini casou com o engenheiro Attilio Matarazzo exatamente durante a greve geral, no dia 17 de julho de 1917, com festas na mansão de Francesco Matarazzo. Ver: *Nozze Matarazzo — Brandolini*. *Fanfulla*, São Paulo, p. 6, 18 jul. 1917. Desta festa existe uma documentação filmada, conservada no Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP, que mostra como ela coincidiu também com uma manifestação nacionalista italiana. Os dois noivos, de fato, eram ativistas do *Comitato Italiano Pro-Patria*.

<sup>39</sup> *Sottocomitato Italiano Pro Patria di Belenzinho e Penha*. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 20 jul. 1917. A lista foi publicada somente um mês depois, no momento em que as atividades grevistas iam diminuindo.

Rocha, o gerente Gaetano Celentano organizou a coleta do dinheiro em prol da Cruz Vermelha Italiana entre os operários da fábrica<sup>40</sup>, e os operários da fábrica de chapéus Serricchio-Pepe, também através da coleta organizada pelos gerentes, contribuíam com 408 mil réis ao *Pro-Patria*<sup>41</sup>. Nas fábricas de pequenas dimensões a coleta era realizada diretamente pelo dono do estabelecimento, que normalmente trabalhava junto com seus operários e era o caso, por exemplo, da fábrica de cadeiras de Antonio Barone, da fábrica de Angelo Ferro, ou da de Anselmo Cerello.<sup>42</sup>

Em suma, a presença das ofertas dos operários italianos nos balancetes de subscrição em prol do *Comitato Italiano Pro-Patria* era, nos meses de abril, maio e junho de 1917, uma componente fundamental, como mostram as listas apresentadas pelo *Fanfulla* ao longo destes meses.<sup>43</sup> Quando começou a primeira greve na fábrica têxtil Crespi, foi decidido que os pedidos se concentrassem inicialmente, além do acréscimo do salário, na abolição das contribuições para o *Pro-Patria* e do aumento do horário noturno ocorrido naqueles meses.<sup>44</sup>

---

<sup>40</sup> Comitato Italiano Pro-Patria. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 19 jun. 1917.

<sup>41</sup> Comitato Italiano Pro-Patria. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 14 ago. 1917.

<sup>42</sup> Nestes casos, a quantia da soma dada era precedida pelo nome do empresário seguido pelas palavras “e i suoi operai” ou “e operai”. Ver, entre muitos, Comitato Italiano Pro-Patria. Sottoscrizioni. *Fanfulla*, São Paulo, 12 jun. 1917, 13 jun. 1917, 2 jul. 1917, 21 jul. 1917, 14 ago. 1917.

<sup>43</sup> Eis uma amostra de lista dos estabelecimentos cujos operários mais doaram dinheiro para o *Comitato Italiano Pro-Patria* (o período é referente ao mês de junho e parte de julho de 1917): Fabbrica Melillo (1.000\$); Cia. Calçados Rocha; Companhia Mechanica e Importadora, Sezioni. Officina Meccanica, Agricola, Segheria, Fonderia, Fabbrica Chiodi e Viti (262\$); Operai Canapificio Maggi; Cappellificio Serricchio-Pepe; Operai fabbrica Calçados Melillo (915\$); Tecelagem de seda Ítalo-brasileira (2:000\$); Fábrica de tecidos bordados Lapa (300\$); Sebastiano Sparapani ed operai (1:000\$); Impiegati ed operai cappellificio Serricchio Pepe (761\$); Companhia Mec. e Importadora (impiegati ed operai) (253\$); Falchi, Papini e c. (impiegati ed operai) (363\$); Operai Lanificio Fratelli Martari (194\$); Indústrias Reunidas F. Matarazzo (2:000\$); Fábrica de Tecidos Mariangela (2:130\$); Fábrica de Tecidos Belenzinho (948\$); Fábrica de Oleo (75\$800), Fábrica de amido (105\$), Depósito Mooca (257\$), Cotonificio Rodolfo Crespi (impiegati ed operai) (1:352\$), Companhia Puglisi (1:618\$). Ver: Comitato Italiano Pro Patria. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 7 ago. 1917.

<sup>44</sup> Nel cotonificio Crespi. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 10 jun. 1917.



A recusa de continuar fazendo os pagamentos destas contribuições constituiu uma das condições *sine qua non* dos operários em greve em junho-julho 1917 para voltarem ao trabalho. Exatamente nos mesmos dias o *Fanfulla* notava como o apoio financeiro dos operários era fundamental para o funcionamento do *Comitato Italiano Pro-Patria*: “sem eles, sua ação seria reduzida”, escrevia Serpieri, o diretor do jornal.<sup>45</sup>

A campanha dos socialistas italianos contra o patriotismo interessado dos empresários ítalo-paulistanos fazia parte — e continuava de uma forma mais concreta — a campanha que o jornal *Avanti!* havia iniciado já em 1914 contra a entrada da Itália na guerra e continuado depois com ataques aos expoentes da posição nacionalista. Esta atividade antinacionalista do *Centro Socialista Internazionale* chegou ao seu ponto máximo no mesmo período em que surgia o Comitê Popular de Agitação contra a exploração das crianças. Na mesma semana de março de 1917, enquanto o *Avanti!* abria sua primeira página atacando as empresas ítalo-paulistanas que tinham enriquecido com a guerra, o periódico anarquista *Guerra Sociale*, igualmente na primeira página, anunciava uma reunião extraordinária do Centro Libertário para organizar a coleta de dados para denunciar a exploração de menores nas fábricas de São Paulo, em plena atividade naquele momento.<sup>46</sup>

Também os grupos anarquistas de *Guerra Sociale* e do Centro Libertário davam a esta campanha um acento direcionado a exasperar a tensão entre trabalhadores e empresários italianos, como mostra o manifesto publicado no início de abril de 1917: “*Agitazione contro la carestia della vita*” [Mobilização contra a carestia de vida], que acompanhava o manifesto específico contra a exploração das crianças. O manifesto terminava com o lema, em letras maiúsculas: “*Lavoratori italiani, chi vi affama sono i grandi uomini della colonia. Ribellatevi! Conquistatevi il pane che vi é rubato!*” [Trabalhadores italianos, quem mata vocês de fome são os grandes homens da comunidade italiana. Rebelai-vos! Conquistai o pão que vos roubam! ]<sup>47</sup>.

<sup>45</sup> Gli operai ed il comitato Pro-Patria. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 30 jul. 1917.

<sup>46</sup> La cuccagna patriottica di lor signori, *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 139, 10 mar. 1917; *Avanti!*, *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 42, 10 mar. 1917.

<sup>47</sup> *Supplemento al numero 45 di Guerra Sociale*, São Paulo, p. 10, abr. 1917.



A campanha contra a exploração dos menores tentou seguir os mesmos caminhos percorridos em junho-julho de 1914, quando (no rastro da experiência vivenciada na Itália após os eventos de Ancona), os grupos de anarquistas, socialistas e republicanos italianos de São Paulo tinham tentado uma aproximação, a partir de um programa conjuntural comum.

O Comitê Popular de Agitação Contra a Exploração das Crianças, fundado no dia 4 de março de 1917, era composto inicialmente somente por anarquistas, mas logo após uma assembléia na primeira semana de março já contava com o apoio do *Centro Socialista Internazionale*, do *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*, do grupo socialista alemão, dos dois grupos republicanos italianos, do Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires e de várias lojas maçônicas.<sup>48</sup> As formas e as modalidades através das quais se desenvolveu a ação do Comitê foram o prelúdio de uma antecipação de como se desenvolveria a greve geral e o processo de organização sindical de junho-julho de 1917, tanto no que se refere às forças que apoiaram a greve, como no tocante à estrutura por bairro dos grêmios sindicais que surgiram posteriormente.

Apesar de os grupos socialistas italianos terem retirado seu representante do Comitê (o tipógrafo Giuseppe Sgai), continuaram a apoiar intensamente a campanha, como mostrado pelos artigos no jornal *Avanti!* e pela participação nos comícios de representantes do *Circolo Socialista Internazionale* e do *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa* (o próprio Teodoro Monicelli, líder

---

<sup>48</sup> Estes eram os grupos aderentes em março de 1917: Centro Feminino Jovens Idealistas, Centro Libertário, *Circolo Repubblicano IX Febbraio*, *Circolo Repubblicano Antonio Fratti*, Comissão da Aliança Anarquista, Escolas Modernas n. 1 e 2, Grupo “Os Sem Patria” — Lapa, *Gruppo Editore di Guerra Sociale*, *A Lanterna*, Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires, Sociedade da Escola Moderna de São Paulo, União Libertaria da Lapa, *Loggia Guglielmo Oberdan*, *Grande Oriente Autonomo dello Stato di São Paulo*, *Allgemeiner Arbeiter Verein*, Centro de Estudos Sociaes — Votorantim, Grupo Libertário de Jundiá, Grupo Libertário de Baurú; Centro Libertário de Ribeirão Preto. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 44, 31 mar. 1917 e n. 45, 10 abr. 1917 (*Supplemento*). Os grupos socialistas italianos não aparecem porque se limitaram ao apoio, tendo retirado os próprios representantes alguns dias antes da publicação desta lista. É necessário lembrar que o *Grande Oriente Autonomo de São Paulo* compreendia as lojas: Giuseppe Mazzini, Giustizia, Antica Roma. Ver: *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 3 jul. 1917, e p. 7, 11 jul. 1917.

dos socialistas italianos em São Paulo, foi o principal orador no comício no Largo da Concórdia).<sup>49</sup>

A discordância entre anarquistas e socialistas residia na perplexidade destes últimos a respeito da estratégia dos primeiros de levar adiante a campanha de agitação recusando qualquer intervenção dos poderes públicos. Segundo os dois grêmios socialistas italianos, uma ação prática não podia ser limitada a manifestações de praça e comícios. Ao considerar que na sessão da Câmara Municipal de São Paulo de 31 de março de 1917 o vereador José Piedade tinha proposto um projeto de lei para regulamentar o trabalho infantil, os grupos socialistas italo-paulistanos decidiram apoiar o projeto. Segundo o *Avanti!*, o projeto merecia uma atenção particular, uma vez que tinha sido elaborado com a contribuição do advogado Benjamim Motta e podia constituir uma sólida base para um novo trabalho de organização sindical.<sup>50</sup>

Ainda em abril de 1917, por exemplo, o *Sindicato Graphico do Brasil*, que era dominado por socialistas italianos como Ambrogio Chiodi e Giuseppe Sgai, pressionava os núcleos políticos do PSI em São Paulo para que insistissem em favorecer um caminho que levasse os trabalhadores paulistanos à “agremiação nos sindicatos de officio” [sic].<sup>51</sup> Do mesmo período, um sinal deste despertar era representado também pela retomada das publicações do jornal *O Chapeleiro*, da União dos Chapeleiros.<sup>52</sup>

A manifestação do Primeiro de Maio de 1917 ia nesta direção: representantes dos grupos anarquistas, socialistas e republicanos estavam de novo juntos na comissão que organizou a passeata pelo centro de São Paulo e os comícios que a precederam nos bairros operários. É interessante notar, também desta vez, que a manifestação seguiu um caminho que depois será o mesmo das

<sup>49</sup> L'agitazione popolare contro lo sfruttamento dei minori. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 141, 7 abr. 1917.

<sup>50</sup> Id. O projeto de lei de José Piedade previa a proibição do trabalho aos menores de 13 anos; a limitação de oito horas para os jovens entre 13 e 18 anos; a criação de uma caderneta de trabalho e a instituição de três inspetores municipais do trabalho. Ver: Un progetto di legge sul lavoro dei minorenni. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 141, 7 abr. 1917.

<sup>51</sup> Sindicato Graphico do Brasil. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 143, 21 abr. 1917.

<sup>52</sup> Id. Le Unione dei Cappellai. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 8 abr. 1917.

agitações do movimento grevista de julho 1917, isto é: comícios e agrupamentos iniciais nos bairros do Cambuci, Mooca, Brás e Bom Retiro, e em seguida formação de um cortejo que se transferia ao centro da cidade.<sup>53</sup> Também a simbologia da passeata mostrava como, embora os anarquistas tivessem um papel fundamental nas manifestações daqueles dias, eram evidentes as ligações que muitos trabalhadores paulistanos tinham com o movimento socialista, uma vez que o grupo de operários proveniente do Brás participou da passeata levando à sua frente duas bandeiras vermelhas.<sup>54</sup>

Alguns dias depois da manifestação do Primeiro de Maio, o processo de reorganização das ligas sindicais já estava encaminhado.

Ao mesmo tempo, o estado de tensão em alguns destes estabelecimentos (Tecidos Labor, Indústria Têxtil e Cotonifício Crespi) e a greve iniciada entre os trabalhadores das minas de Ribeirão Pires e Cotia tinham levado os socialistas italianos a propor uma ação em prol de uma greve geral, seguindo sua propensão a não abandonar por completo a ação direta, também depois de terem apoiado a iniciativa de José Piedade.<sup>55</sup> A proposta foi feita no mesmo dia em que foi constituída definitivamente a Liga Operária do Belenzinho, no Cinema Belém, localizado na Avenida Celso Garcia. A partir da primeira semana de maio algumas comissões de operários de fábricas têxteis começaram a desfrutar de toda esta atividade propagandista realizada a partir de março e se juntaram com alguns anarquistas do grupo de *Guerra Sociale* para finalizar a criação de ligas operárias.<sup>56</sup> Em pouco tempo a comissão organizadora da Liga Operária do Belenzinho transformou-se em comissão organizadora de uma nova federação operária paulistana, a UGT (União Geral dos Trabalhadores), uma organização que devia se filiar à Confederação Operária Brasileira. O passo sucessivo foi a fundação, na última semana de maio, da

---

<sup>53</sup> Cronaca Cittadina. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 2 mai. 1917; Per il 1° Maggio. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 143, 21 abr. 1917; Guerra à Guerra! *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 47, 12 mai. 1917. Do comitê organizador faziam parte os mesmos grupos que constituíam o comitê de agitação contra a exploração das crianças, mais o *Centro Socialista Internazionale* e o *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*.

<sup>54</sup> Cronaca Cittadina. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 2 mai. 1917.

<sup>55</sup> *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 145, 12 mai. 1917.

<sup>56</sup> *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 47, 12 mai. 1917.

Liga Operária da Mooca, segundo as bases de acordo da UGT, formuladas numa reunião realizada nos cinemas do Belém e da Mooca e na sede do Salão Germinal no dia 18 de maio de 1917.<sup>57</sup>

Segundo tais bases, de fato, a nova organização deveria ser estruturada por bairros e não por ofício.<sup>58</sup> Esta escolha, mais que uma suposta estratégia anarquista anticorporativa, respondia à exigência do momento de organizar de forma mais dinâmica grupos diferentes de trabalhadores segundo as relações já estabelecidas durante a campanha contra a exploração do trabalho infantil, assim como refletia o fato de ter o maior número de seguidores excessivamente concentrados nos bairros da Mooca e do Belenzinho e entre os tecelões.

Quando o movimento organizativo se alastrara, em julho e agosto, as exigências de luta diferenciada, que surgiam da diversidade de ofícios e funções e do papel de intervenção na construção da federação sindical de São Paulo desenvolvido também pelos socialistas italianos, impulsionaram a criação de sindicatos de ofício, ainda que não tenham destruído completamente a estruturação por bairro que se tinha formado anteriormente.

Já no final de maio, a Liga Operária da Mooca, com poucos dias de existência, somava quase quatrocentos afiliados, na maior parte mulheres, do Cotonifício Crespi.<sup>59</sup>

Fundamentalmente, portanto, não se pode afirmar que as ligas que nasceram sucessivamente se formaram como ligas de bairro somente como imitação das ligas da Mooca e do Belenzinho, e que estas duas surgiram espontaneamente. Pelo contrário, seguiram um desenho já imaginado quando o movimento de agitação contra a exploração das crianças (que já tinha suas bases de ação nos bairros) transformou-se em movimento de constituição da União Geral dos Trabalhadores.

---

<sup>57</sup> L'Unione Generale dei Lavoratori risorge. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 48, 19 maio 1917.

<sup>58</sup> Estão ressurgindo as sociedades operárias. Bases de Acordo. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 49, 26 maio 1917.

<sup>59</sup> Agitazioni operaie. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 14 jun. 1917; Le insidie padronali. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 50, 2 jun. 1917.

### UM HISTÓRICO DA GREVE GERAL DE 1917 E DE SEUS PROCESSOS ORGANIZATIVOS

Consequentemente, embora impulsionado pela situação crítica das condições de trabalho em alguns estabelecimentos fabris e de vida por conta do aumento dos preços os processos de organização sindical já estavam encaminhados quando explodiram as greves de junho na Crespi e na Antarctica, prólogo da greve geral de julho.

Uma ulterior demonstração disso é o fato de a repressão interna da fábrica Crespi ter começado a funcionar antes que a greve explodisse, exatamente quando gerentes e contramestres perceberam que muitos dos operários da seção de fiação de algodão estavam participando ativamente das reuniões noturnas da comissão de direção da Liga Operária da Mooca.<sup>60</sup> Finalmente, outros dois sinais também mostram como havia um desenho organizativo da Liga Operária da Mooca: 1) a declaração da greve na Crespi foi decidida depois de uma reunião na mesma Liga; 2) o número dos grevistas (cerca de 400) correspondia praticamente ao número dos filiados à Liga Operária da Mooca naquele momento.<sup>61</sup>

A greve da Crespi foi declarada no dia 9 de junho de 1917. Inicialmente, parecia uma greve parcial localizada, mas diferentemente das greves dos anos precedentes esta contava com a vantagem de ter uma comissão de grevistas que se reunia numa estrutura, a Liga Operária da Mooca, com muitos integrantes e bem enraizada no território, ainda que fosse uma organização jovem.

---

<sup>60</sup> Um manifesto da Liga advertia sobre esta repressão. Além disso, os gerentes tinham uma lista de cerca de 50 operários considerados militantes sindicais: lista que entregaram à polícia do Brás, para que esta fosse de casa em casa para convencê-los a voltar ao trabalho. Ver. *Agitazioni operaie. Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 14 jun. 1917, e *Le insidie padronali. Guerra Sociale*, São Paulo, n. 50, 2 jun. 1917. Os mesmos gerentes declararam também que desde janeiro de 1917, em algumas seções da fábrica, havia interrupções parciais do trabalho com a ameaça de distúrbios nas outras seções, o que mostrava uma premeditação de uma greve de maiores proporções. Ver *Lo sciopero del cotonificio Crespi s'incammina verso la soluzione. Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 28 jun. 1917.

<sup>61</sup> Nel cotonificio Crespi. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 10 jun. 1917.

Foi a mesma Liga que planejou provavelmente uma linha de conduta que, negando a versão dos gerentes e da polícia, tentou mostrar o movimento era totalmente espontâneo e desligado de qualquer premeditação. Esta consideração surge quando pensamos na resposta defensiva de Antonia Soares às perseguições da polícia, quando declara que a greve era espontânea e que ela não tinha nenhuma relação com os acontecimentos, embora saibamos que ela tinha participado como oradora da manifestação de maio 1917 (incitando à greve geral) e era secretária da Liga Operária do Belenzinho.<sup>62</sup> A mesma estratégia é aplicada também diante do delegado Bandeira de Mello, quando duas comissões (uma feminina e uma masculina) de operários da Crespi foram interrogadas sobre as causas da greve, apesar de serem filiados desde sua fundação à Liga Operária da Mooca.<sup>63</sup>

A greve na Crespi ainda não estava generalizada, quando a direção decidiu fechar a fábrica em resposta aos outros 110 operários da seção de lã que ainda estavam trabalhando e que pediam o fim do patrulhamento externo do estabelecimento por parte da força pública. Naquele momento (23 de junho), a Liga Operária da Mooca já tinha se tornado um ponto de referência,

---

<sup>62</sup> *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 47, 12 mai. 1917.

<sup>63</sup> As declarações de espontaneidade da greve são também expressas à redação do *Fanfulla* pelos operários, logo depois do interrogatório na delegacia do Brás. Segundo a matéria do jornal italiano, escrita a partir de testemunhos recolhidos com os próprios inquiridos, outros operários e com os policiais, a delegacia do Brás procurou alguns operários da Crespi indicados como lideranças nas suas casas, para prendê-los, mas na rua e nos domicílios a resposta foi que o movimento paredista não tinha chefes. Afinal, nove operários entre os vários da Crespi procurados como sindicalistas foram convocados e levados à delegacia do Brás. Um grupo de operárias, porém, foi logo à sede da Liga Operária da Mooca, onde estava ocorrendo uma assembléia, para contar o acontecido. A seção feminina da Liga decidiu enviar então uma comissão de cinco mulheres para acompanhar os nove inquiridos com o mandato de explicar para o delegado que “*il movimento era stato spontaneo e generale*”. O delegado Bandeira de Mello, que interrogou também as cinco trabalhadoras, argumentou que não deviam se deixar convencer pelos anarquistas que, segundo ele, estavam liderando a greve e que não adiantava esconder isso. Os operários das duas comissões, que, é preciso lembrar, foram “ouvidos” separadamente na delegacia, reiteraram que “*il loro movimento obbediva a ragioni economiche*”. Ver: *Agitazioni operaie. Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 14 jun. 1917.

funcionando como núcleo coordenador das negociações entre a comissão dos grevistas e a direção da fábrica. Quando a *Camera Italiana di Commercio ed Arti* fez a proposta de funcionar como mediadora entre a direção e uma nova comissão de operários da Crespi que ainda não estava em greve, os operários recusaram esta oferta pedindo que esta tratasse diretamente com a diretoria da Liga Operária da Mooca. Os pedidos de aumento desta outra organização de operários também não foram atendidos e, consequentemente, a greve estendeu-se, no dia 29 de junho, a todos os 1.500 operários da fábrica.<sup>64</sup> A greve da Crespi foi seguida após alguns dias (30 de junho) pela paralisação da Fábrica Ipiranga de Nami Jafet, também de tecidos.<sup>65</sup>

Nos dias seguintes, começaram também as greves nas fábricas de móveis (quase todas situadas na Rua Piratininga e com uma média de 50-60 operários cada) e, finalmente, no dia 7 de julho, começou a greve na Antarctica, enquanto os marceneiros começavam a obter gradualmente os aumentos pedidos e os têxteis da Ipiranga voltavam ao trabalho vitoriosos.

Diferentemente do que havia acontecido até aquele momento, entrava em agitação a primeira fábrica com empregados que desenvolviam diferentes funções, uma vez que as várias seções da Antarctica contemplavam, de fato, marceneiros, vidreiros, pintores, operários que trabalhavam na fabricação da cerveja e mecânicos.<sup>66</sup> A presença de uma liga operária estruturada como a da Mooca, que privilegiava a agregação territorial, favoreceu com certeza a resistência e a organização dos operários da Antarctica para os quais era necessária uma organização sindical que lhes permitisse também uma agremiação por setor industrial, coexistindo dentro da empresa diferentes ofícios. De fato, logo após ter declarado a greve, mais de 800 operários da Antarctica se dirigiram à sede da Liga da Mooca, na Rua da Mooca 292-A,

---

<sup>64</sup> Lo sciopero del cotonificio Crespi s'incammina verso la soluzione. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 28 jun. 1917, e Il conflitto tra gli operai e la direzione del cotonificio Crespi. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 30 jun. 1917.

<sup>65</sup> Mais de 1.600 operários em greve, pedindo uma série de aumentos em torno de 20%, e de 25% em caso de trabalho noturno. *Agitazioni operaie*. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 1º jul. 1917.

<sup>66</sup> Il malcontento delle classi operaie si va generalizzando. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 8 jul. 1917.



pedindo a filiação à organização e, em assembléia no mesmo dia, formaram uma comissão na qual estavam representadas todas as seções em greve, formando um organismo de 40 delegados de fábrica.<sup>67</sup>

Na primeira semana de julho, portanto, a greve ainda não tinha sido generalizada, mas no bairro da Mooca as duas fábricas mais importantes (Crespi e Antarctica) estavam paradas.

Sem adentrar aqui no exame da ação e da reação entre grevistas e polícia, fatos já amplamente estudados, e antes de examinar mais atentamente como se desenvolveram os processos de formação das várias ligas, apontamos somente alguns fatos para termos presente pelo menos que estes processos aconteceram num contexto de violentos embates urbanos entre os grevistas e a Força Pública do Estado de São Paulo.

No mesmo dia em que entraram em greve os trabalhadores da Antarctica, cujos donos tinham relações estreitas com a polícia<sup>68</sup>, as pressões que as autoridades de segurança já vinham realizando sob pedido da diretoria da Crespi, seguindo suas ações investigativas precedentes de repressão das lideranças anarquistas, aumentaram consideravelmente associando-se, inclusive, a um estado de tensão, sobretudo entre os têxteis da Crespi devido a quase um mês de greve.

Entre a noite do dia 7 de julho (assaltos a carros de farinha na Mooca) e a tarde do dia 13 (ataque da cavalaria da Força Pública na Ladeira do Carmo e morte do pedreiro Nicola Salerno e da menina Edoarda Bindo, filha do operário Primo) a cidade de São Paulo ficou quase ingovernável.

O ponto mais alto foi alcançado quando do enterro do corpo do sapateiro José Gimenez Martinez, jovem militante anarquista de 21 anos que fazia parte do grupo *Jovens Incansáveis*, recém-chegado em São Paulo com a própria família em janeiro de 1917.<sup>69</sup> No dia do enterro, mais de 10.000 pessoas participaram do

<sup>67</sup> Id.

<sup>68</sup> FAUSTO, 1978, op. cit., p. 201-207.

<sup>69</sup> La morte dello spagnolo Gimenez. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 11 jul. 1917. José Martinez trabalhava na fábrica de calçados Bebê, cujos operários imediatamente realizaram uma subscrição para sustentar a sua família. Ainda em agosto, as ofertas continuavam. Sottoscrizione in favore della famiglia dell'operaio José Martinez. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 6 ago. 1917.



cortejo fúnebre que se desenrolou ao longo de toda a cidade, interrompido por comícios e protestos.<sup>70</sup> Entre comícios, passeatas, invasão do centro a partir dos bairros operários e os embates com a polícia, foi se desenvolvendo a ação do Comitê de Defesa Proletária e, ao mesmo tempo, as reuniões do Secretário de Justiça Eloy Chaves com os empresários mais importantes da cidade, até que uma comissão constituída pelos diretores dos jornais paulistas da grande imprensa funcionou como intermediária entre o bloco Chaves-empresários e o Comitê.

Entre o dia 12 e o dia 16 de julho, chegou-se finalmente à assinatura de uma base de acordos que reconhecia o direito de reunião, o aumento de 20%, a libertação dos presos e a proibição de demissão dos operários grevistas apontados como os organizadores do movimento nas fábricas.<sup>71</sup> No dia 16 de julho, em comícios nos bairros operários (o mais importante foi o realizado no Largo da Concórdia, no Brás), os líderes do Comitê de Defesa Proletária (Leuenroth, Monicelli, e Candeias Duarte) apresentaram aos operários as bases de acordo, que foram aprovadas com poucas oposições.<sup>72</sup> Os protestos custaram a vida de cerca de 200 pessoas, segundo uma investigação realizada pelo *Fanfulla* no cemitério do Araçá nas noites de 15 e 16 de julho, quando a polícia fechou o cemitério e começou a transportar os cadáveres.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> I funerali dell'operaio Martinez. *Fanfulla*, São Paulo, 12 jul. 1917.

<sup>71</sup> A data oficial do acordo é 14 de julho de 1917, porque naquele dia foi assinado pelos doze empresários mais importantes. O primeiro assinante era Rodolfo Crespi, seguido por Jorge Street. Na lista encontrava-se o nome de Ermelino Matarazzo, mas não o de Francesco Matarazzo. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 15 jul. 1917, e *Fanfulla*, São Paulo, p. 1, 16 jul. 1917. Os jornalistas que promoveram o acordo foram: Silveira Júnior (*Correio Paulistano*), Valente de Andrade (*Jornal do Commercio*), Umberto Serpieri (*Fanfulla*), Lisboa Junior (*Diario Popular*), Paulo Moutinho (*A Gazeta*), Valdomiro Fleury (*A Platea*), João Castaldi (*A Capital*), Paolo Mazzoldi (*Il Piccolo*), Nestor Pestana (*O Estado de S. Paulo*), Amadeu Amaral (*O Estado de S. Paulo*). Ver La mediazione offerta dalla stampa paulistana. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 14 jul. 1917. No dia 15 de julho participaram da reunião com o Comitê também Nereu Pestana (*O Combate*), José Gama (*Diario Español*), França Pereira (*Diário Allemão*). Ver *Fanfulla*, São Paulo, p. 1, 16 jul. 1917.

<sup>72</sup> I Comizi proletari di ieri. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 17 jul. 1917.

<sup>73</sup> Voci allarmanti sul numero dei morti. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 22 jul. 1917.

Todavia, com quais especificidades se desenvolveram o movimento grevista e o de organização dos operários paulistanos naqueles dias?

Em primeiro lugar, é necessário destacar que, até o dia 13 de julho, os grevistas são ainda, aproximadamente, 25.000, correspondendo a 90 estabelecimentos fabris. Nesta data, foram conhecidas, na parte da manhã, as propostas de intermediação da comissão da imprensa e a declaração de Eloy Chaves que os empresários teriam chegado a um acordo a favor do aumento salarial de 20% e da readmissão de todos os operários.<sup>74</sup>

Examinando o prospecto detalhado da situação apresentado diariamente pelo *Fanfulla*, a cuja redação eram comunicadas as greves pelas comissões de operários, podemos observar que o número mais alto de operários em greve foi alcançado no dia da apresentação (em dia 16 de julho durante comício público) pelo Comitê de Defesa Proletária dos acordos estipulados: 43.800 grevistas. Após esta data, os grevistas foram diminuindo, porém a diminuição não foi rápida, porque boa parte dos empresários recusava-se a assinar o acordo de 14 de julho, pretendendo negociar cada um com seus empregados os aumentos e outras melhorias, sem contar com o fato de que em algumas fábricas de médias dimensões a greve começou depois do dia 16.<sup>75</sup>

Ainda em 11 de julho, dia do enterro de Martinez, os grevistas eram 15.000, dos quais 9.500 estavam em greve de reivindicação, enquanto o restante encontrava-se em greve de solidariedade. Os 9.500 estavam todos concentrados ainda na Mooca, em seis grandes estabelecimentos (Crespi, Antarctica, Fábrica Mariangela da Matarazzo, Stamperia Matarazzo, Tecidos de Juta, Lanifício De Camillis) e espalhados em 24 oficinas de fabricação de móveis.<sup>76</sup> No dia seguinte ao enterro, os grevistas eram 20.000 (mas 1.000 operários da Antarctica tinham conseguido os aumentos e estavam em greve de solidariedade).<sup>77</sup>

Consequentemente, podemos dizer que a greve tornou-se completamente generalizada somente nos dias em que a vitória de uma grande parte dos operários atraiu o restante dos trabalhadores, sobretudo os das pequenas e médias fábricas, para o movimento.

---

<sup>74</sup> Ver o arrolamento de greves e grevistas no *Fanfulla*, São Paulo, 13 jul. 1917.

<sup>75</sup> *Fanfulla*, São Paulo, de 16 jul. 1917 a 20 jul. 1917.

<sup>76</sup> *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 11 jul. 1917.

<sup>77</sup> *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 12 jul. 1917.

Assim como em 1907, uma organização sindical ainda frágil tinha conseguido levar à frente uma greve que, inicialmente limitada a alguns setores, em pouco tempo transformou-se em generalizada e se tornou o maior impulso para a formação de uma estrutura sindical mais enraizada.

Seguindo dois caminhos diferentes mas convergentes (ligas de bairro e ligas de ofício) não se pode negar que o maior estímulo à formação das organizações de sindicatos fora a greve, o que proporcionou posteriormente a idéia de que o espontaneísmo tivesse sido o caráter mais evidente da greve geral de 1917.

Todavia, o processo de reorganização sindical foi bastante influenciado pela presença: 1) do papel de coordenação da greve desenvolvido pelo Comitê de Defesa Proletária, nos moldes planejados no período de maio-junho, quando da ação do Comitê Contra a Exploração das Crianças e da fundação da Liga Operária da Mooca e da Liga Operária do Belenzinho, segundo as bases de acordo da UGT; 2) da participação no Comitê de Defesa Proletária também de líderes e militantes do *Centro Socialista Internazionale*, cujo trabalho estava direcionado à greve geral e à instituição de uma Camera del Lavoro paulistana; e 3) de uma rede de associações políticas e mutualistas italianas (grupos republicanos, lojas maçônicas e algumas sociedades italianas de socorro mútuo) simpáticas ao movimento grevista e que o apoiaram financeiramente.<sup>78</sup>

A nova Federação Operária do Estado de São Paulo (FOSP) foi fundada no dia 26 de agosto de 1917, com a adesão de 24 organizações operárias.<sup>79</sup> Concentrando nossa atenção somente

---

<sup>78</sup> Ver, por exemplo, as listas de subscrição em prol dos grevistas publicadas em *Guerra Sociale* durante este período.

<sup>79</sup> Liga dos Trabalhadores em Cerâmica, Liga dos Trabalhadores em Madeira, Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros, Sindicato Gráfico do Brasil, Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Bebidas — seção da Cia. Antártica, Sindicato dos Padeiros e Confeiteiros, Sociedade dos Alfaiates, União dos Sapateiros, União dos Chapelheiros, União dos Padeiros, União Geral dos Ferroviários — seção da SP Railway, União dos Canteiros, Liga Operária da Mooca, Liga Operária do Belenzinho, Liga Operária da Água Branca e Lapa, Liga Operária do Cambuci, Liga Operária do Ipiranga, Liga Operária do Bom Retiro, Liga Operária da Vila Mariana, Liga Operária do Brás, Sociedade dos Metalúrgicos de São Caetano, Sindicato Internacional dos Canteiros de Ribeirão Pires, Liga Operária de São Roque, Liga Operária de Sorocaba. *L'assemblea generale dei rappresentanti le leghe operaie. Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 26 ago. 1917.

nas ligas paulistanas, pode-se notar, desde já, que doze são de ofício e oito são constituídas por bairro. Destas ligas, antes que começasse a greve na Crespi, existiam somente a Liga Operária da Mooca, a Liga Operária do Belenzinho, o Sindicato Gráfico e a União dos Chapeleiros. Durante o mês de junho é fundada somente a Liga Operária de Água Branca e Lapa. No início de julho, são criadas a Liga Operária do Ipiranga, a Liga Internacional dos Marceneiros e a União (ou Sociedade) dos Alfaiates. O restante dos sindicatos é formado na primeira semana de agosto, embora o processo de constituição tenha começado já durante o mês de julho.<sup>80</sup>

Todavia, pode-se dizer que a greve e a formação das ligas de ofício desenvolveram-se paralelamente; nunca a greve explodia num setor industrial ou num ofício sem que tivesse sido antes planejada por uma comissão provisória, que, após uma ou duas semanas, estruturava-se definitivamente em liga de ofício com estatutos próprios.<sup>81</sup> Foi a partir destas comissões que, em agosto, formaram-se as ligas profissionais. Os estatutos foram todos debatidos nas primeiras semanas de agosto e em muitos casos mostravam sua ligação com a história passada destas mesmas organizações, uma vez que nas reuniões não se discutia sobre a sua fundação mas sobre a sua *reconstrução*, seguindo os estatutos das ligas pertencentes à velha FOSP, ainda que o Comitê de Defesa Proletária tenha enviado um esquema de bases de acordo.<sup>82</sup>

O comitê, composto na sua totalidade por militantes político-sindicais, mas não pelas comissões dos grevistas, tinha como função coordenar a greve geral e a criação das ligas, mas não interferia nas reuniões das comissões de operários em greve ou nas organizações de ofício. Em geral, representava o elo entre experiências de luta sindical (antigas ou recentes) e as do momento, pondo à disposição: a) parte de seus componentes, que eram organizadores já nos sindicatos existentes (como o dos gráficos ou o dos chapeleiros) e b) a simbologia representativa e os modelos organizativos práticos das ligas operárias, como livros, registros,

---

<sup>80</sup> *Fanfulla*, São Paulo, números de junho a agosto de 1917; *Avanti!* (2ª série), São Paulo, agosto de 1917; *Guerra Sociale*, São Paulo, junho-agosto de 1917; *A Plebe*, julho-agosto de 1917.

<sup>81</sup> *Fanfulla*, São Paulo, números de julho de 1917.

<sup>82</sup> Movimento operário. *Fanfulla*, São Paulo, de 1º a 18 ago. 1917.

atas, papéis e carimbos de diversos sindicatos que tinham cessado de existir há alguns anos.<sup>83</sup>

Cessadas as negociações com os empresários, o Comitê de Defesa Proletária dedicou-se, a partir da metade de julho, a controlar a execução dos acordos, a acompanhar a resolução de greves parciais ou das que ainda não tinham se resolvido, e a partir da primeira semana de agosto começou a coordenar as reuniões das organizações sindicais ainda em formação, com o fim de realizar, no dia 26 de agosto, um “Congresso geral das associações operárias, libertárias e socialistas com o objetivo de concretizar um programa de ação comum”<sup>84</sup>

Sendo composto indistintamente por socialistas (quase todos italianos) e anarquistas (em grande parte italianos, e parcialmente por brasileiros e espanhóis), as reuniões do Comitê de Defesa Proletária aconteciam tanto na sede do Centro Libertário como na do *Circolo Socialista Internazionale*.

#### OS SOCIALISTAS ITALIANOS NOS EVENTOS DE JULHO DE 1917 E A SOLIDARIEDADE DE ALGUMAS ASSOCIAÇÕES ITALO-PAULISTANAS PARA COM A GREVE

A organização operária federativa que surgiu em agosto (FOSP) mostrava assim a inter-relação entre o modelo de federação operária socialista (na qual a tendência era a agremiação de associações de ofício) e o anarquista de tipo territorial que tendia à anulação de separações corporativas.

Após uma análise das atividades destas agremiações, podemos dizer que a sua formação obedeceu, além do impulso imediato da greve (pela qual era necessário formar comissões unitárias o quanto possível para negociar com a direção da empresa), às ligações da maioria de seus integrantes com um ou outro grupo político.

Em alguns casos, de fato, certo número de ligas escolheu como sede o edifício do *Centro Socialista Internazionale* ou de

---

<sup>83</sup> *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 12 ago. 1917.

<sup>84</sup> *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 12 ago. 1917.

entidades ligadas aos socialistas italianos. A União dos Sapateiros reunia-se no *Salone Cesare Battisti*<sup>85</sup>, os marceneiros (após um período de reuniões no Bom Retiro numa sede própria) escolheram como sede a da Rua Aurora 29, assim como os gráficos, os padeiros e os canteiros. Também próxima aos socialistas era a União dos Alfaiates, cujas reuniões se realizavam no salão *Italia Fausta*. Os pedreiros (cuja organização ainda estava em formação no dia da reunião de 26 de agosto) e os ferreiros-metalúrgicos são os únicos que quase sempre escolheram a sede do Centro Libertário. O restante dos grêmios de ofício reunia-se nas ligas operárias de bairro, com exceção dos Chapeleiros, que tinham sede própria. A proximidade com um ou outro grupo político é também confirmada pela presença nas reuniões dos vários grêmios de militantes do *Partito Socialista Italiano* em São Paulo ou de integrantes do Centro Libertário.<sup>86</sup>

Deriva assim um panorama, no qual as ligas de ofício mostram a sua ligação maior, embora nem sempre, com a atividade desenvolvida pelos militantes do *Centro Socialista Internazionale* e do *Circolo Socialista di Agua Bianca e Lapa*, favorecidas pela presença de experientes sindicalistas italianos como Teodoro Monicelli, Giovanni Scala, Giuseppe Sgai e Ambrogio Chiodi<sup>87</sup>. Ao contrário,

---

<sup>85</sup> Cesare Battisti (1875-1916), uma das lideranças dos socialistas de Trento (cidade etnicamente italiana, que fazia parte do Império Austro-Húngaro), acusado de traição, foi enforcado pelas autoridades austríacas. Socialista nacionalista, se alistou no exército italiano logo após o início do conflito, recusando-se a integrar o exército austro-húngaro apesar de ser cidadão austríaco. Recorde-se que em 1911 havia sido eleito deputado, pelo Partido Socialista Austríaco, para o parlamento imperial.

<sup>86</sup> Informação obtida pela comparação de listas de militantes presentes nos jornais paulistanos *Guerra Sociale*, *Fanfulla*, *A Plebe* e *Avanti!*, do período 1916-1917.

<sup>87</sup> Cabem aqui algumas breves menções biográficas. Teodoro Monicelli nasceu em Ostiglia (Mantova) em 1875. Marceneiro, começou sua trajetória nos grupos anarquistas de Milão, em 1899 foi um dos organizadores da longa greve da Ansaldo, a maior fábrica metalúrgica italiana da época, a partir de 1902 entrou no Partido Socialista Italiano. Já em 1904 foi um dos líderes da greve geral em Milão (primeira grande greve geral na Itália, que se alastrou por toda a parte central e setentrional do país). Antes de emigrar para São Paulo (1913) foi presidente de federações sindicais locais em áreas de alto grau de organização sindical rural (como Ferrara e Ostiglia), ou urbana (Bergamo e Terni, dois dos principais centros metalúrgicos da Itália).

o grupo anarquista de Leuenroth e de Florentino de Carvalho, além do de *Guerra Sociale* (de Damiani e Cerchiai), participavam mais da organização dos tecelões e das ligas de bairro.

Vinculada também ao mundo associativo mutualista dos socialistas italianos imigrados era a União dos Chapeleiros, que, como em períodos precedentes, no momento da luta sindical abandonava sua estrutura de sociedade de socorro mútuo profissional, para tornar-se um sindicato que deixava de lado o mutualismo (ainda que não completamente) pela luta de reivindicação salarial.<sup>88</sup> Esta estrutura era expressão da maioria de seus integrantes, fiéis militantes dos grupos republicanos e socialistas italianos da cidade de São Paulo.<sup>89</sup>

A atuação dos socialistas italianos da cidade de São Paulo, já a partir do desenrolar-se da greve na Crespi, foi, portanto, evidente e acompanhou com assiduidade todo o desenvolvimento do movimento grevista. Quem mais insistiu para que a greve

---

Foi expulso definitivamente do Brasil em 1919. Giuseppe Sgai, que pertencia a uma conhecida família socialista de Rifredi, bairro operário de Florença, nasceu em 1895. A sua atividade política e sindical começou também cedo: a polícia italiana o encontra como líder de greves, manifestações e comemorações em várias cidades da província de Florença, onde ele vai como propagandista delegado dos grupos socialistas de Fiesole. Em 1911 é presidente do círculo da juventude socialista da sua cidade. Emigrou para São Paulo somente em 1912, onde encontrou trabalho, inicialmente, como tipógrafo, o mesmo ofício que tinha aprendido na Itália. Ver também as pastas pessoais dos dois militantes no Casellario Político Centrale, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

<sup>88</sup> Como no início do século, também em 1917, no momento em que vão se formando outras organizações sindicais, os sócios da sociedade, reunidos em assembléia, decidiram pela abolição dos artigos do estatuto que provavelmente limitavam seu raio de ação ao socorro mútuo, para se abrirem à luta sindical. Os artigos em questão são 9, 14, 16 e 18 abolidos numa reunião de chapeleiros na Liga Operária da Mooca. Ver: *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 30 jun. 1917.

<sup>89</sup> É a única organização sindical, por exemplo, que comemora o dia 20 de Setembro (tomada de Roma pelo Exército italiano, símbolo de um nacionalismo anticlerical muito difuso entre os republicanos italianos e os socialistas). Críticas à sua ambiguidade entre associação mutualista e sindicato foram feitas pelo anarquista Gigi Damiani, quando da publicação da nova série do jornal *O Chapeleiro*. Ver: *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 45, suplemento, 10 abr. 1917. Fazia parte dela o empresário socialista Dante Ramenzoni.



iniciada na Crespi se transformasse em greve geral foram exatamente os socialistas: o que não deve parecer estranho, pois o líder Teodoro Monicelli, de tendência socialista revolucionária, tinha organizado ou participado de greves gerais na Itália em contextos nos quais também as formas de repressão eram bastante violentas.

Que os políticos socialistas não pudessem ser “repelidos do movimento emancipador”<sup>90</sup>, como esperava Florentino de Carvalho, foi demonstrado pelos fatos que se seguiram: no dia 3 de julho, antes que a greve se generalizasse na Antarctica, um manifesto de 10.000 cópias foi distribuído como suplemento do *Avanti!* pedindo a solidariedade aos trabalhadores da Crespi, mostrando que os socialistas italianos estavam coordenando também a lista de subscrição em favor destes operários.<sup>91</sup>

A formação do Comitê de Defesa Proletária, no início de julho, viu a participação ativa dos socialistas italianos, que elegeram como seus representantes Teodoro Monicelli (como delegado do *Centro Socialista Internazionale*) e Giuseppe Sgai (como delegado do *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*); este último tinha participado da fundação da Liga Operária daqueles bairros, no qual se concentravam os vidreiros e ferroviários.<sup>92</sup> Ambos foram os principais oradores (junto com Candeias Duarte e Leuenroth) de todos os comícios realizados em São Paulo que marcaram os momentos mais importantes da greve. Em particular, Monicelli empenhou-se em enfatizar a necessidade de o Comitê de Defesa Proletária colocar, como um dos pontos fundamentais nas negociações com os empresários, as reivindicações de congelamento dos preços dos bens alimentares e de fiscalização dos mercados livres. Em suma, fez com que o Comitê de Defesa Proletária pressionasse também por uma intervenção dos poderes públicos. Paralelamente, o vereador José Piedade apresentava na

<sup>90</sup> *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 45, suplemento, 10 abr. 1917.

<sup>91</sup> *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 149, 3 jul. 1917 e *Le agitazioni operaie in San Paolo*. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 3 jul. 1917.

<sup>92</sup> Associações que surgem. *A Plebe*, São Paulo, p. 3, 16 jul. 1917; *La situazione creata dagli scioperi operai si aggrava*. *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 9 jul. 1917; *Gruppo Socialista di Agua Branca – Lapa*. *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 132 a 143; 6 jan. 1917 a 21 abr. 1917.



Câmara Municipal, naqueles mesmos dias, projetos que iam nesta direção.<sup>93</sup>

Foi também Monicelli que, no comício do Largo da Concórdia (16 de julho), aos que na praça insistiam para que a greve continuasse, mostrou a necessidade de conservar as conquistas obtidas como ponto inicial para a reconstrução das organizações sindicais e para que pudesse ser construída uma rede de solidariedade financeira para os operários que ainda continuavam parcialmente em greve<sup>94</sup>.

De fato, os socialistas italianos de São Paulo (muitos dos quais próximos da tendência socialista-revolucionária do PSI) não eram contrários à presença dos anarquistas nas ligas, sublinhando que estas fossem caracterizadas por um neutralismo político, uma vez que cuidavam somente dos interesses gerais de seus sócios, independentemente de suas tendências políticas.<sup>95</sup> Essa posição mostrava também quão importantes eram as experiências passadas de um líder sindical como Monicelli, que no passado tinha atuado como um membro do PSI que dialogava nos ambientes de trabalho com as posições antipartidárias dos sindicalistas revolucionários.

O papel organizativo dos socialistas italianos do período julho-agosto 1917 em São Paulo foi feito com constância, com o objetivo de estabelecer uma linha de conduta comum que coordenasse todas as forças operárias em um único esforço.

A sede das associações socialistas, na Rua Aurora 29, que tinha sido inaugurada em fevereiro daquele mesmo ano (que antes da greve já hospedava as reuniões do Sindicato Graphico), tornou-se, assim, juntamente com a sede do Centro Libertário, o foco deste processo unitário de reorganização.

As reuniões do Comitê de Defesa Proletária, além disso, foram sempre acompanhadas pelas reuniões paralelas do *Centro Socialista Internazionale*, que a partir da atividade sindical

---

<sup>93</sup> I funerali dell'operaio Martinez. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4-5, 12 jul. 1917; I comizi proletari di ieri, *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 17 jul. 1917; La questione del pane, *Fanfulla*, São Paulo, p. 3, 5 ago. 1917.

<sup>94</sup> I comizi proletari di ieri, *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 17 jul. 1917. Foi neste comício que foram anunciados os acordos assinados pelos empresários no dia 14 de julho.

<sup>95</sup> Movimento operaio, *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 167, 20 out. 1917.

prosseguiu na direção de formar uma federação socialista em São Paulo que deveria reunir todos os socialistas da cidade, independentemente de sua nacionalidade.<sup>96</sup>

Sempre no seio das reuniões paralelas entre o Comitê de Defesa Proletária e grupos socialistas na Rua Aurora 29, tomou vida a proposta dos socialistas para que a futura FOSP (que devia herdar em parte as bases de acordo da UGT em construção através das ligas de bairro) fosse organizada nos moldes de uma *Camera del Lavoro* (*Bourse du Travail*), agregando sindicatos e associações de trabalhadores de natureza diferente (sindicatos, entidades mutualistas e cooperativas) com objetivos múltiplos: coordenar as greves, assistir os trabalhadores na doença, interferir na alocação da mão-de-obra (controlando para que fossem contratados somente filiados aos sindicatos), instruir os trabalhadores e seus filhos.<sup>97</sup>

Dentro desta atividade de participação dos socialistas na reorganização das ligas sindicais, inseria-se também uma série de conferências semanais de propaganda sobre “*Metodi e finalità del movimento operaio*” que Monicelli começou em meados de agosto de 1917, depois que o processo de formação das ligas de ofício tinha se concluído.

Nas conferências, todas apresentadas nas ligas de bairro, mas também nas sociedades de socorro mútuo,<sup>98</sup> Monicelli apresentava exatamente as idéias dos socialistas sobre a futura FOSP (que dali a alguns dias seria criada), “*exortando os proletários de São Paulo, ao invés de adotar forma de organização de outros países, a plasmar um tipo de organização correspondente ao ambiente*”.<sup>99</sup> Segundo Monicelli, resistência, boicote, greve parcial ou geral e fundação de cooperativas de produção ou consumo deviam coexistir numa mesma organização, cujo modelo não podia ser a CGT francesa

<sup>96</sup> Assemblea di socialisti. *Fanfulla*, São Paulo, p. 2, 20 ago. 1917; e Per l'organizzazione delle classi operaie, *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 23 jul. 1917. A comissão que escreveu o estatuto da *Federazione Socialista* era composta por Giuseppe Bacchiani, Germano Martins, Giuseppe Sgai, Achille Perseguiti e Giuseppe Rosso.

<sup>97</sup> Comitato di Difesa Proletaria. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 19 jul. 1917.

<sup>98</sup> Por exemplo, nas sedes da Sociedade Aliança e *Unione Operaia di Mutuo Soccorso di Barra Funda*. Ver Movimento operaio. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 12 ago. 1917.

<sup>99</sup> Movimento operaio. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 19 ago. 1917 (tradução do autor).

de caráter soreliano (como desejado pelos anarquistas sindicalistas de *A Plebe* e como apresentavam as bases de acordo da “velha” UGT paulista), mas um que contemplasse a possibilidade de acompanhar formas diferentes e mais variadas de luta.<sup>100</sup>

Nesta ótica, quando as autoridades começaram a pressionar os sindicatos (setembro-outubro 1917) e estes se viram na obrigação de se proteger através do registro cartorial de seus estatutos, as ligas de bairro foram se reestruturando como Sindicato de Offícios Vários (dividindo-se no seu interior segundo os ofícios que as compunham e reproduzindo, assim, uma estrutura baseada na participação sindical segundo a pertença ao próprio setor).<sup>101</sup>

A nova FOSP, portanto, foi-se estruturando mais como uma *Camera del Lavoro*, isto é direcionada à coordenação das atividades sindicais nas greves parciais e na greve geral, mas também na arrecadação dos fundos sociais para o socorro mútuo e no controle dos contratos, e, sobretudo, relativamente à contratação dos trabalhadores nas fábricas. Neste último caso, a *Lega di Agua Branca e Lapa*, por exemplo, começou uma greve na Fábrica de Tecidos e Bordados Lapa (500 operários em agitação) porque alguns mestres e operários se recusavam a se filiar à Liga.<sup>102</sup> Diferentemente da concepção anarquista do sindicato, que o via como um lugar de propaganda e direcionado à greve geral insurrecional, a FOSP correspondia mais aos padrões de uma organização sindical complexa cujo objetivo era também controlar o acesso da mão-de-obra ao trabalho (quem entrava na fábrica tinha de estar filiado à organização sindical correspondente) e assistir os trabalhadores também quando não estavam em luta.

Uma menção final tem de ser feita aos outros grupos que, embora não tivessem participado completamente da construção das organizações sindicais, tiveram um papel importante para que este processo pudesse ser iniciado.

Diferentemente de 1907, o contexto não favorecia aparentemente uma aproximação estreita entre as sociedades italianas de socorro mútuo (SIMS) e as associações sindicais

---

<sup>100</sup> Movimento operário. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 19 ago. 1917.

<sup>101</sup> *Avanti!* (2ª série), São Paulo, n. 167, 20 out. 1917.

<sup>102</sup> Lo sciopero degli operai della Fabbrica Tecidos e Bordados Lapa. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 29 ago. 1917.

grevistas, uma vez que os operários colocaram como condição para recomeçar o trabalho a possibilidade de recusar a contribuição ao *Comitato Italiano Pro-Patria*, para o qual as mais importantes sociedades italianas de socorro mútuo de São Paulo (*Leale Oberdan*, *Galileo Galilei* e *Lega Lombarda*) participavam da coleta dos fundos. Todavia, outras sociedades, como a *Unione Operaia di Barra Funda* e a *Unione Operaia Civiltà e Progresso*, por suas ligações mais estreitas com o *Centro Socialista Internazionale* e com os grupos republicanos auxiliaram mais na subscrição em prol dos grevistas.<sup>103</sup>

Porém, a participação no *Comitato Italiano Pro-Patria* não impediu que sociedades como a *Vittorio Emanuele II* (a mais antiga SIMS de São Paulo) ou a *Leale Oberdan* (frequentada por Monicelli) interviessem em prol dos grevistas, com anúncios e manifestos de solidariedade moral ou financeira.<sup>104</sup> A *SIMS Leale Oberdan*, por exemplo, funcionou como mediadora entre os proprietários de oficinas metalúrgicas e uma comissão de grevistas que representava os operários destas mesmas oficinas.<sup>105</sup> Outra sociedade, enfim, a Sociedade Aliança (entidade mutualista formada em sua maioria por empregados nos restaurantes, de origem italiana), embora não tivesse conseguido se transformar em liga sindical nos anos anteriores emprestou a sua sede para reuniões operárias tanto de ligas de ofício como para a realização de comícios gerais e de conferências de propaganda.<sup>106</sup>

Com certeza, entretanto, todo um ambiente artesão da comunidade ítalo-paulistana era simpático à greve. Os grupos republicanos *Antonio Fratti* e *IX Febbraio* acompanharam o desenrolar de todo o movimento desde sua participação no comitê de agitação contra a exploração das crianças do primeiro de maio de 1917, figurando como os maiores financiadores da subscrição para com as famílias dos operários em greve.<sup>107</sup>

<sup>103</sup> Comitê de Defesa Proletária. *Guerra Sociale*, São Paulo, n. 56, 11 ago. 1917.

<sup>104</sup> Agitazioni operaie. *Fanfulla*, São Paulo, p. 5, 17 jul. 1917.

<sup>105</sup> Id.

<sup>106</sup> Riunioni operaie e Circoli e società. *Fanfulla*, São Paulo, números de julho - agosto de 1917.

<sup>107</sup> Circoli e società. *Fanfulla*, São Paulo, 18 jul. 1917 e Comitê de Defesa Proletária. *Guerra Sociale*, n. 56, 11 ago. 1917.

Seu papel não deve ser desconsiderado no pronto atendimento aos pedidos em alguns setores industriais, sobretudo entre as fábricas de chapéus, de calçados ou metalúrgicas de pequenas dimensões, cujos donos eram muitas vezes republicanos.<sup>108</sup>

Paralelamente, continuou o apoio das lojas maçônicas à greve, as quais do movimento desde março de 1917. A solidariedade das lojas maçônicas italianas foi fundamental, pois todas elas apoiaram a greve, e a loja *Guglielmo Oberdan*, em setembro, chegou também a fundar uma cooperativa operária de consumo. Suas ações, coincidentes com as dos grupos republicanos, mostram como o ambiente *mazziniano*<sup>109</sup> italiano em São Paulo estava sempre presente como pano de fundo em todas as atividades de organização político-sindical dos trabalhadores imigrados.

Quando ainda a greve devia se tornar geral, no dia 30 de junho, o *Grande Oriente Autonomo dello Stato di San Paolo* (que reunia três lojas maçônicas italianas) após uma assembleia geral publicou uma “Lettera di solidarietà agli operai in sciopero”:

Considerando que o principal objetivo da instituição maçônica é o de cooperar com o desenvolvimento social da humanidade e sobretudo com o melhoramento das classes necessitadas [...] fazendo votos para a vitória destas classes que lutam por uma causa nobre e justa, delibera expressar a elas um voto de solidariedade sincera<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> Ver a figura de Sebastiano Sparapane, empreiteiro de obras de pintura. Participou da subscrição *Pro-Patria*, mas ao mesmo tempo concedeu aumentos aos operários sem que estes entrassem em greve. Logo depois formou uma cooperativa de consumo entre eles, que nada tinha a ver com os armazéns que algumas empresas tinham para obrigar seus operários a comprar os alimentos como uma forma de diminuição de seus salários. Ver: *Cooperative Operaie. Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 12 ago. 1917.

<sup>109</sup> Conjunto de diversas pessoas e associações de imigrantes italianos de tendência republicana e democrática, frequentemente radical, que se inspirava no republicanismo social e cooperativista do pensador e político italiano Giuseppe Mazzini (1805-1872), cuja base de apoio se encontrava sobretudo entre artesãos, pequenos comerciantes, técnicos, operários mais qualificados e alguns empresários.

<sup>110</sup> La solidarietà colle classi operaie. *Fanfulla*, São Paulo, p. 4, 2 jul. 1917.

A solidariedade destas lojas maçônicas, assim como o acompanhamento e apoio constante de grupos políticos socialistas e republicanos formados por militantes de origem italiana à organização e desenrolar-se da greve geral revelam um posicionamento anti-nacionalista num momento em que a população paulistana de nacionalidade italiana era estimulada pelo empresariado patricio a tomar uma atitude — positiva, no seu entender — frente à participação da Itália na I Guerra Mundial. A greve geral de 1917 foi a crise conjuntural que enfatizou também em São Paulo o mesmo conflito entre identidades de classe e nacionais que estava ocorrendo na Itália. No exterior, porém, a formação de um sentimento de pertença à nação italiana era construído dentro da experiência da imigração, o que para quase todos os imigrantes significava associar valores e representações da classe trabalhadora aos que, ainda que de forma heterogênea, iam constituindo a identidade italiana em formação, mas num contexto multi-étnico.

Os próprios militantes do movimento operário tentaram entender, na época das migrações de massa, até que ponto a etnicidade, ou melhor, num plano mais amplo, a origem nacional comum, obstaculava ou favorecia a agregação dos trabalhadores. Como sabemos, esta questão ainda hoje atravessa o debate historiográfico no âmbito da história do trabalho e das migrações.

O caso que foi estudado aqui, por se tratar de um momento fortemente conflituoso na conjuntura específica da guerra mundial pode ajudar a compreender como se transformava a relação entre as duas identidades de classe e de nação numa cidade em que trabalhador era sinônimo de estrangeiro e, em particular, de italiano. Valores compartilhados etnicamente definidos ainda se demonstraram importantes nos processos organizativos dos trabalhadores e este aspecto não desapareceu ao longo de toda a década seguinte. Ainda assim, foi se intensificando a superação da identidade étnica enquanto obstáculo a uma coesão maior e mais ampla, além das divisões e separações regionais e nacionais.

Foi talvez na greve geral de 1917, pela sua natureza crítica, que mais explicitamente emergiu o modo como estava ocorrendo a progressiva inserção do trabalhador italiano na sociedade de acolhida e a sua participação na formação de uma classe operária que, apesar de ser ainda fortemente caracterizada por uma heterogeneidade nacional e étnica, cada vez mais se identificava como brasileira.

## **THE SÃO PAULO GENERAL STRIKE OF 1917 AND THE ITALIAN IMMIGRATION: NEW PERSPECTIVES**

### **ABSTRACT**

Considered as one of the fundamental moments of vast workers' mobilization in Brazil through general strike, the strike movement in the city of São Paulo, that began gradually in the middle of June 1917, with the highest point in the month of July, has been studied, above all, as a spontaneous phenomena, tied to the activity of anarchist groups. This article points out new elements in the analysis of this movement, emphasizing the complexity of the construction and of the circumstances of the general strike, emphasizing the participation and leading role of other political and union groups and militants (as the Italian socialists), in the organization of the workers movement in the city of São Paulo before and during the general strike. The aim of the article is to point out, above all, the importance of the conflict between national and class identities among the Italian workers in the preparation of the strike of 1917 and the role played by different political and mutual aid societies composed of Italian immigrants, considering the local and international context.

### **KEYWORDS**

Migrations. Italians. São Paulo: Strikes. Socialism.





[Greve geral em São Paulo. 1917].  
(Coleção História da Industrialização, foto 00208, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, São Paulo.)